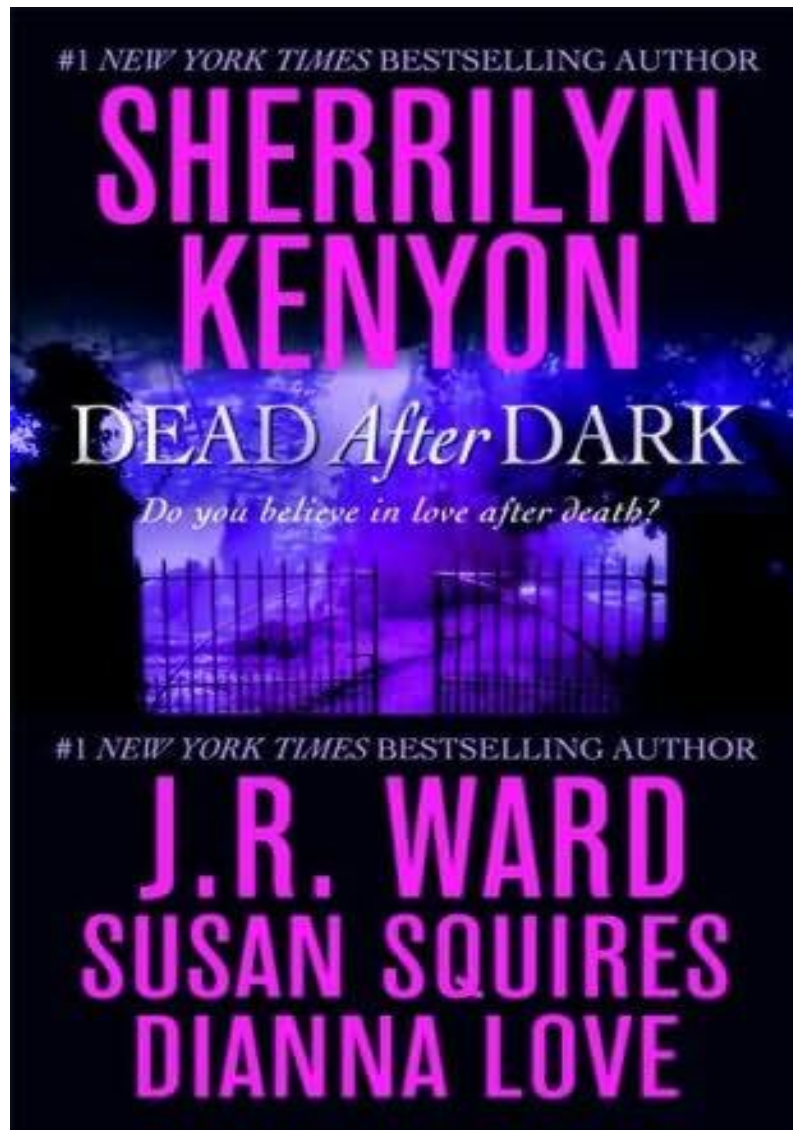




# A Sombra da Lua

## Sherrilyn Kenyon

**Disponibilização e Tradução:** Gisa

**Revisão:** Juli Lira

**Revisão Final:** Jujuba Nunes

**Formatação:** Pudim

**PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES**



**PERFIL DO FURY:**

**Ano de nascimento:** Como se a alguém importasse

**Lugar de nascimento:** Essex, Inglaterra

**Lugar no qual se encontra atualmente:** Nova Orleans

**Altura:** 1,96 m

**Peso:** 90 quilogramas

**O que é que mais o excita:** Uma mulher que esteja comendo purê de batatas

**Lema:** Nunca dê as costas a um lobo, a menos que queiras que te morda

**Comida favorita:** Purê de batatas

**Canção favorita:** *Sacrifice*, do Theory of a Deadman

**Maior debilidade:** Não entendo à família

**Passatempos:** Caçar e matar tudo o que me incomoda

Fury é fruto de uma mulher e de um homem que se odeiam profundamente. Ela, arcadiana; ele, katagaria. Foi criado por sua mãe, pois ela acreditava que Fury seria seu precioso filho Aristos – sua furiosa vingança contra os katagaria que tão brutalmente trataram a ela e ao seu clã. Entretanto, quando Fury alcançou a puberdade e obteve seus poderes como were-hunter, transformou-se de um arcadiano a um katagaria – algo que tratou de ocultar a toda custa... até que a única pessoa em que confiava, sua namorada, delatou-lhe, e então toda sua família tratou de lhe matar.

Mas Fury sempre foi um sobrevivente. Letal, imprevisível e feroz. Uma vez que abandonou a Inglaterra, encontrou ao pessoal de seu pai, onde foi muito mais cauteloso, sem contar a ninguém qual era sua verdadeira descendência. Mas quando seus irmãos Fang e Vane souberam dele, adotaram-no. Agora, está ao comando da gente de seu pai. Mas a liderança sempre tem um preço e implica ter uns quantos inimigos letais que não se deterão até assassiná-lo.

E agora essa guerra chegou até a soleira de sua porta e é uma ameaça não só para os seus, mas também para o Santuário, e a única maneira que tem Fury de salvar ao seu povo é confiando na mulher que uma vez lhe traiu.

Angelia dedicou toda sua vida a fazer-se cada vez mais forte. E agora, com sua pátria no ponto de mira, tem que proteger aos seus de Fury e de seu clã de Were-lobos. Determinada a lhe levar ante a justiça, empreende sozinha sua missão... até que o caçador termina sendo caçado, e a única forma que terá de sobreviver será confiando no lobo que precisamente jurou matar.

## CAPÍTULO 1

*Nova Orleans.*

Fury Kattalakis estava a ponto de se meter na boca do lobo. Bom, não exatamente do lobo. Havia um dragão no piso de cobertura do edifício para o qual se dirigia, mas o dragão não era tão perigoso como o urso que custodiava a porta.

Aquele asqueroso filho da puta lhe odiava com todas suas forças. Não é que lhe preocupasse. Que a maior parte das pessoas e dos animais lhe odiassem com todas suas forças, não lhe importava. De todas as formas o mundo lhe importava uma merda.

—As coisas que fazes pela família. —disse para seu interior. Embora para ser sincero, o conceito de família era novo para ele. Estava mais acostumado a que todos ao seu redor lhe fodessem. Não até que seu irmão Vane lhe aceitou no verão de 2004, que se deu conta de que nem todo mundo queria lhe matar.

O urso, entretanto, seguia sendo...

Dev Peltier se esticou logo que viu Fury sair das sombras perto da porta do Santuário, um bar de motoqueiros com pista de dança no número 688 das Ursulinas. Como se a direção não a tivessem escolhido de propósito o clã de ursos que o possuíam. Era mais que irônico. A simples vista o urso parecia humano, usava a camiseta negra do pessoal do Santuário e jeans, o cabelo loiro era comprido e ondulado, calçava botas negras de motoqueiro e seus olhos agudos não deixavam passar nem um detalhe, nenhuma debilidade, e não é que Fury tivesse nenhuma. Mas, face à aparência humana de Dev, para os licântropos como Fury a forma alternativa de Dev era como uma fogueira destelhante que advertia ao resto de outro tipo de seres que Dev era feroz.

Bom, também era Fury. O que lhe faltava de habilidades mágicas o compensava a base de pura força...

E uma atitude de que-se-fodam e raiva.

Ninguém consegue o melhor dele. Nunca.

—O que fazes aqui? —grunhiu Dev.

Fury deu de ombros despreocupadamente e decidiu que brigar não lhe daria acesso ao interior, que era o que tinha prometido fazer. Ele mantendo uma promessa feita a alguém que não fora ele mesmo. Merda... certo. Que se congele o inferno. Ainda não sabia como tinha deixado que seu irmão Fang lhe convencesse de executar este ato de flagrante suicídio.

O safado lhe devia uma.

E uma das grandes.

—Paz, irmão. —Fury elevou as mãos em um gesto brincalhão de rendição. —Vim para ver Sasha.

Dev despiu os dentes ameaçadores enquanto jogava a Fury um olhar que em condições normais lhe haveria custado que Fury lhe esmagasse como uma lesma pelo insulto. Porra, seu irmão Vane lhe estava botando a perder.

—O pessoal do clã Kattakalis não é bem-vindo e tu sabes.

Fury arqueou uma sobrancelha olhando o símbolo que havia por cima da cabeça de Dev. A silhueta de uma moto em cima de uma colina com o fundo da lua cheia em negro, azul elétrica e marrom. Também proclamava que o Santuário era a casa dos Howlers, o grupo local. Para quem não sabia o que olhar, era como qualquer outro néon de bar. Mas para os nascidos malditos, como eles, as sombras na lua tinham a forma de um dragão remontando o vôo, um símbolo oculto para os seres preternaturais<sup>1</sup> do mundo.

O clube não só se chamava o Santuário, era um santuário. Permitia-se a entrada de todas as entidades paranormais e uma vez dentro, ninguém podia lhes fazer mal. Ao menos enquanto obedecessem a primeira regra de ouro: Não derrames sangue. Fury estalou a língua.

—Conhece as leis de sua gente. Não podes escolher a quem deixas entrar. Todos somos bem-vindos da mesma maneira.

—Que te fodam. —grunhiu Dev.

Fury sacudiu a cabeça mordendo a língua para não soltar o que seria sua natural resposta ácida. Em vez disso, decidiu que o ia manejar com um sarcasmo cortante.

—Muitíssimo obrigado pela oferta, mas apesar do feminino de teu porte e esse cabelo que qualquer mulher invejaria, és muito peludo para meu gosto. Não te ofendas.

Dev curvou os lábios.

—Desde quando se preocupa um cão do que monta?

Fury conteve o fôlego com força.

—Poderíamos nos atar os dois de maneira que o açougueiro nos teria inveja, mas... Sei o que tentas fazer. Estás tentado me provocar para que brigemos e assim poder me impedir o passo de forma legal.

Apertou os punhos e fez gesto de dar murros mostrando o que queria fazer e o que prometia que faria.

—De verdade, realmente que eu gostaria de te dar a oportunidade de brigar comigo. Mas tenho que ver Sasha e não posso esperar. Sinto muito. Teremos que nos aturar e brigar depois.

Dev grunhiu ameaçadoramente com um som puro de urso cinzento.

—Estás sobre gelo muito fino, Lobo.

Fury se acalmou e estreitou os olhos da forma em que o faria em sua forma de lobo. Quando falou sua voz era baixa, animal e estava cheia de promessas de chute no traseiro que estavam esperando Dev se seguiu com o joguinho.

—Fecha o bico, vai a merda e me deixe passar.

Dev deu um passo para ele.

---

<sup>1</sup> *Preternatural* significa fora ou além do curso ordinário da natureza. Os principais dons preternaturais são: uma sabedoria de ordem imensamente superior, um elevado conhecimento natural de Deus e do mundo; uma elevada força de vontade e perfeito controle das paixões e dos sentidos, e; ausência de dor e de morte. Quando se acabam os anos de vida temporal, entra-se na vida eterna em corpo e alma, sem experimentar a terrível separação de alma e corpo da qual chamamos de morte.

Mais rápido do que esperava o golpe que Dev estava a ponto de soltar, lá estava Colt. Uma cabeça mais alta que eles, Colt tinha o cabelo curto negro azeviche e olhos letais. Pôs a Dev a garra de uma mão tatuada no peito e lhe empurrou para trás.

—Não o faças, Dev. —disse Colt com voz baixa e sem entonação. —Não vale a pena.

Fury provavelmente deveria sentir-se insultado, mas a verdade nunca lhe tinha incomodado.

—Tem razão. Sou um sacana miserável gerado por outro safado mais insensível ainda. Definitivamente, não queres que os despojem do status de santuário por alguém como eu.

Dev tirou de cima a mão de Colt, o que fez com que a manga lhe subisse deixando ver o duplo arco e a flecha tatuado no braço.

—Como queiras. Mas te estarei vigiando, Lobo.

Fury lhe mostrou o dedo do meio apontando para cima.

—Pois tenta não mijar no chão ou foder os móveis... —olhou as botas com ponteira chapeada de Dev.

—Que não te enganches a perna é outro assunto...

Dev grunhiu outra vez e Colt riu e aumentou a força de seu agarrão.

Colt lhe indicou a porta com um gesto do queixo.

—Coloca o traseiro para dentro, Fury, antes que decida me alimentar contigo.

—De verdade que não vale a pena se consideras a indigestão que te provocaria. — com uma piscada maliciosa a Dev, Fury passou diante deles e entrou no bar. A música estava alta e vibrava, o que fazia com que seu lobo interior quisesse gemer em protesto pelo assalto ao seu ultrasensível ouvido.

Posto que Colt era um dos Howlers, ainda não tinham subido ao palco. Mas já se reuniu uma boa quantidade de gente. Turistas e clientes dançavam ou rodavam no primeiro piso dos três que tinha o bar.

Seguramente o segundo também estaria lotado. Entretanto, o terceiro andar estava reservado aos seus.

Fury meteu as mãos nos bolsos traseiros, movendo-se entre as pessoas. Era fácil distinguir aos motoqueiros do resto, posto que a maioria era da velha escola e iam vestidos de couro.

Os mais jovens usavam nylon ou roupas Aerostich como a qual ele usava, e os turistas e universitários, levavam qualquer coisa desde shorts a calças chinesas ou jeans.

Ao passar pela frente das mesas onde os clientes podiam sentar-se para comer, captou à bela garçonete loira que por casualidade era a irmã do babaca de fora.

Aimee Peltier.

Assim como seu irmão Dev, tinha o cabelo comprido loiro e era alta e magra. Esbelta. Toda ela atrativa, exceto pelo fato de que quando ia à cama de noite, convertia-se em uma ursa. Estremeceu-se ante o pensamento. O gosto de seu irmão em questão de mulheres deixava muito a desejar.

Aimee ficou petrificada assim que lhe viu.

Fez-lhe um sutil sinal com os olhos para que fora para o bar lhe fazendo saber que tinha uma mensagem para ela. Ela era a razão pela qual estava ali, mas se algum de seus numerosos irmãos se inteirava, ambos estariam mortos.

Assim seguiu para o bar onde três garçons preparavam bebidas. Posto que Dev era um dos integrantes de um esquadrão idêntico, a Fury pareceu que via em dobro quando outro urso se aproximou dele. A única maneira em que se distinguia Dev de seus outros três irmãos idênticos era a tatuagem do braço. Aos outros três, a verdade é que lhe importava um ovo quem era quem.

O esquadrão entrecerrou os olhos de forma ameaçadora.

—O que queres, Lobo?

Fury se sentou despreocupadamente.

—Diga a Sasha que preciso lhe ver.

—Por que precisas lhe ver?

Fury lhes lançou um olhar engraçadinho.

—Coisas de lobos, a última vez que farejei, o que trato de verdade de não fazer pelo fedor que despredem os babacas, fere meus sensíveis sentidos, posto que são ursos. Tragam sua pele até aqui.

—É que tens que irritar com tudo o que encontras? —a voz suave correu por sua espinha dorsal como uma carícia.

Voltou-se e se encontrou com Margerite Neely em pé ao seu lado. Miúda e humana, Margery tinha um dos melhores traseiros que já tinha visto em uma mulher. Mas esse era o problema. Era humana e ele levava muito mal isso de relacionar-se com a espécie dela, bom, com qualquer espécie, na verdade. As habilidades sociais não eram seu forte. Como tinha assinalado Margery, tendia a se irritar com qualquer um o bastante tolo para se aproximar. O fazia inclusive sem querer.

Rindo, estendeu-lhe uma cerveja.

Fury negou com a cabeça, declinando a oferta. Essa coisa em suas papilas gustativas... desagradável. Disse-lhe com o cenho franzido.

—Me surpreende te ver aqui. —Era a enfermeira dos Peltier e normalmente só a via se estava ferido ou precisava de cuidados. Por regra geral, ela evitava o bar e permanecia no hospital que estava escondido ao lado.

Deu-lhe um gole à cerveja.

—Sim, mas há um péssimo rolo por aqui. Tenho que tomar algo que me acalme os nervos. Isto lhe intrigou, porque não sabia que bebesse.

—Que tipo de péssimo rolo?

Sasha se uniu a eles e respondeu por ela.

—Há um Litariano no escritório do Carson.

Fury olhou com o cenho franzido a Sasha cuja cara estava pálida. Se não lhe conhecesse melhor, pensaria que o lobo estava tremendo.

—Não me digas. Há muita merda em seu escritório a maior parte dos dias. —Carson era o médico residente e o veterinário a quem acudia todos os Were Hunter de Nova Orleans quando precisavam de cuidados médicos. O fato de que tivesse um leão no hospital não fazia com que ninguém levantasse nenhuma sobancelha.

Margery negou com a cabeça.

—Não como este, Fury. Não pode voltar-se humano nem usar a magia.

Isto sim que era estranho.

—O que há dito?

—Os Arcadianos lhe golpearam com algo. —Disse em voz baixa como se temesse que a ouvissem. —Não sabemos com o que. Mas drenou seus poderes instantaneamente. Nem sequer pode projetar seus pensamentos até sua companheira.

Fury não podia respirar ao pensar o que tinha acontecido. Inclusive embora sua forma inicial era a de um lobo e carecia de controle de sua magia, não podia imaginar como seria viver inteiramente como um animal.

—Estás segura de que não é um leão normal e comum? —Era uma pergunta estúpida, mas tinha que estar seguro.

Ambos lhe lançaram um olhar brincalhão.

Fury levantou as mãos como rendendo-se.

—Só queria me assegurar. Caras, poderiam ter um aneurisma ou algo assim.

Margery deu um gole comprido à cerveja.

—Eita dia de merda.

—Sim. —disse Sasha, pegando a cerveja e dando outro comprido gole. —Todos estamos em nervos. Imagine que estás na tua e de repente um grupo saído de nenhuma parte te enche de chutes no traseiro com algo que não podes identificar e te perdes para sempre.

Fury soltou um suspiro comprido.

—Vi-o uma vez em um filme. Grande merda.

Sasha inclinou a cabeça envergonhado, recordando o passado de Fury.

—Sinto muito, Lobo. Não o hei dito de propósito.

Ninguém o dizia de propósito nunca. Mas seguia doendo sem importar a intenção.

—Necessitavas me ver? —perguntou Sasha mudando de assunto.

Fury comprovou com a extremidade do olho que nenhum dos do clã dos ursos estivesse perto. Então assinalou a Margery.

—Temos um assuntinho de lobos, se não te importa.

—Certo. De todas as formas tenho que subir. Tivemos que sedar à companheira do Litariano recentemente e despertará a qualquer momento. —Passou pela frente dele e golpeou o balcão para chamar a atenção do Urso. —Remi, me dê outra garrafa e volto ao trabalho.

Fury se engasgou ante suas palavras.

—Me alegro de não ser teu paciente.

Margery lhe lançou um olhar, lhe repreendendo.



—É para o Carson.

Ele soprou.

—Repito o dito. Justo o que necessito, um punhado de bêbados trabalhando comigo. — procurou o olhar divertido de Sasha. —Recorde-me que não faça nada estúpido esta noite. Espera, já estou aqui. Muito tarde para me avisar, não?

Sasha ignorou a pergunta e cruzou os braços sobre o peito deixando repousar o peso do corpo em uma perna.

—O que necessitas, Fury? Não somos o que se diz amigos.

Fury lhe afastou um pouco de onde Remi estava dando outra garrafa a Margery.

—Já sei, mas és o único lobo do qual os Peltier não suspeitam e o único em quem posso confiar para fazer chegar isto a Aimee. —Passou uma nota a Sasha. —Te assegures de te limpar o traseiro com ela ou fazer o que seja para que se tire o fedor de Fang. Eu tenho feito o que pude, mas é bastante persistente.

Sasha parecia nada contente com o pedido.

—Já sabes que da última vez que me vi envolvido em um subterfúgio fui mortalmente ferido e marcado e vi todo meu clã me desprezar por isso. Segue meu conselho e não deixes que teu irmão te arraste com ele.

—Certo, mas eu não estou me colocando entre dois deuses. —que foi o que fez com que quase matassem a Sasha. —Só estou fazendo um favor ao meu irmão.

—Isso me disse eu também. Mas o problema da família é que te metem na merda e ali te deixam. Ou pior ainda, fazem que lhes matem.

Isso era certo e sabia. Mas devia a Vane e a Fang por lhe ter recebido quando ninguém mais o tinha feito.

Por seus irmãos, estava disposto a morrer.

—Darás a nota a ela? —Sasha rangeu os dentes.

—Certo. Mas me debes uma.

A verdade é que a devia Fang, mas... eram irmãos e pela primeira vez em sua vida entendia o que isso significava.

—Eu sei e te agradeço isso de verdade.

Sasha meteu a nota no bolso.

—Sabes? O que de verdade me mata de tudo isto é que nunca vi a dois animais agir mais como humanos que a eles. A que tipo de merda de Romeo e Julieta estão jogando?

Fury deu de ombros.

—Que me matem se sei. Diz que é a única que lhe entende. Da forma tão feminina em que está agindo ultimamente, estou de acordo contigo em que não entendo nada. Se começar a ficar de rosa e a usar lápis de lábios, eu voto por lhe jogar fora e lhe meter um tiro. E assim lhe tiraremos o traseiro da miséria.

O canto do lábio de Sasha se levantou como se estivesse tratando de não sorrir.

—Que estás fazendo aqui?

Fury ficou em alerta ao escutar o profundo acento de Nicolette “Mama” Peltier. Desde que seu irmão estava passando tempo com a única filha de mamãe, Aimee, ele bem que entendia sua hostilidade para seu clã inteiro, mas não significava que apreciasse o tom. Ele começou a lhe dizer o que podia fazer com ele, mas antes que pudesse tomar ar para responder, Sasha falou.

—Pedi-lhe que viesse. Quero lhe advertir a respeito do que aconteceu aos Litarianos.

Mamãe se relaxou um pouco, mas sua expressão ainda era profundamente aflita.

—Isso é mau negócio aqui —ela lançou um olhar ao redor do aposento como se estivesse procurando a alguém suspeito. —Deveriam os deuses ter piedade de todos nós se não determos àaqueles por trás disto. Estremeço-me de pensar do que mais seriam capazes de fazer.

Também o fazia Fury.

—Estão fazendo alguma coisa os ursos para encontrar quem é responsável?

Ela negou com a cabeça.

—Não, as leis do santuário o proíbem.

—Então farei algumas investigações.

Sasha grunhiu.

—Tu só não podes evitar esse veio kamikaze que tens, certo?

Fury se burlou.

—Não realmente. Só a encontro mais fácil se só deixo-me ir em lugar de brigar. Além disso se alguém está nos fodendo só quero saber quem e como. Sobretudo, desejo sua garganta.

O respeito brilhou nos olhos de Nicolette. Ela olhou para Sasha.

—Leve-o para cima antes que muitas essências se contaminem e assim possa rastrear àaqueles que fizeram isto.

Sasha inclinou sua cabeça para Nicolette antes de mover-se a Fury para que o seguisse. Fury não falou enquanto abandonavam o bar e se dirigiam através da cozinha para a Casa Peltier. Uma vez que estiveram fora de vista de qualquer humano, Sasha usou seu poder para desaparecer e aparecer no escritório do doutor no segundo andar. Fury foi um pouco mais precavido, devido que ninguém tinha sido seu mentor em como usar sua magia quando alcançou a puberdade, seu controle dela era menos que desejável. Inclusive mais, recusava-se que alguém soubesse quão pouco controle tinha. Ninguém sabia seus poucos avanços e vivia para contá-lo. Então caminhou para cima nas escadas para os quartos que estavam colocados ao seu redor para apoio médico.

Logo que entrou na pequena área de escritórios, viu Margery, Carson e Sasha esperando-o.

—Por que não me seguiste?— Soltou Sasha.

—Segui.

—Sim, mas...

Fury o interrompeu.

—Não estou deixando um rastro de poder para que um de vocês idiotas o usem contra mim. Caminhar funciona para mim. Onde está o leão?

Carson se dirigiu à parte de trás do escritório onde outra porta lhes dirigia para a área do hospital.

—Tenho-o aqui.

Fury o seguiu. Logo que entrou no quarto estéril, congelou-se. Havia uma mulher descansando sobre o leão na maca, chorando. Tinha uma mão enterrada profundamente em sua juba enquanto a outra estava descansando palma acima sobre a mesa. No centro de sua palma estava o elaborado desenho que a marcava como companheira de alguém. O afeto que ela mostrava para com o leão era uma aposta segura que ele era seu.

—Anita? —disse Carson gentilmente.

—Este é Fury Kattalakis. Ele está aqui para nos ajudar a procurar àqueles que fizeram isto.

Soluçando, ela levantou sua cabeça para lhe dar um olhar que dizia que não estava impressionada com sua oferta.

—Minha manada está atrás de quem causou isto.

—Sim —Disse Carson gentilmente —mas quanto mais rastreadores tenhamos, mais oportunidades teremos de encontrá-los e encontrar uma cura.

—Nós somos leões...

—E eu sou um lobo —disse Fury cortando-a—. Se necessitar um desdobramento de pura brutalidade e força te chamarei. Mas se estás procurando por alguém que te fez mal, ninguém rastreia melhor que um de nós.

Carson colocou sua mão no braço da mulher.

—Ele tem razão, Anita. Lhe permita ver se ele pode nos ajudar a encontrar aos culpados antes que aprisionem de alguém mais.

Ela alisou o cabelo da juba do Leão antes de levantar-se e retirar-se. Fury se aproximou da mesa lentamente.

—É ele completamente animal ou retém qualquer raciocínio humano?

Carson suspirou.

—Não estamos seguros.

Essas palavras arrancaram um profundo soluço à mulher.

Fury a ignorou e se aproximou da mesa. O leão grunhiu baixo enquanto Fury se aproximava.

Era uma advertência animal. O lobo dentro de Fury se elevou à frente, mas o conteve. Enquanto o lobo talvez desejasse brigar, o homem sabia que um leão o rasgaria.

Algumas vezes era bom ter habilidades humanas, inclusive se aquelas algumas vezes guerreavam com seu coração de lobo.

—Calma —disse num tom baixo, enquanto dobrava sua mão em um punho para proteger seus dedos. Se não havia nada dentro do leão que não fora animal, ele responderia a qualquer feromona de hostilidade ou medo que cheirasse. Ele sustentou sua mão lentamente para que o leão pudesse captar sua essência e intenção.

O leão lhe lançou uma pancada de garra, mas não o machucou. Bom. Fury pôs sua mão nas costas do leão. Inclinando-se mais proximamente, ele sentiu a mudança de seus músculos, mas não estavam preparando-se para atacar. Ele aspirou e cheirava à essência de Carson, Margery, do leão feminino e outros. Mas era o menor cheiro que o fez cambalear...

Wolfswan<sup>2</sup>...

Fury olhou para a leoa.

—Estiveste perto de qualquer outro Lykos?

Anita indicou ao lobo próximo a Carson.

—Sasha.

—Não —Disse Fury lentamente—. Uma fêmea.

Anita se burlou.

—Não nos mesclamos com outras raças. Somos puristas.

—Talvez, mas há outras essências que levantei aqui também. Chacal, pantera e lobo.

—Quando estive próximo a um Chacal?

—Nunca!—Cuspiu ela, indignada ante a pura sugestão. Os chacais não eram exatamente a ninhada favorita. Na terra dos párias, eram os animais omega. Os únicos que todos evitavam e não selecionavam.

Sasha se moveu próximo.

—Eu também o cheiro.

Carson trocou um olhar preocupado com Margery.

—Anita, nos diga tudo o que possas recordar sobre aqueles que atacaram ao teu companheiro.

—Não os vi. Jake estava fora com seu irmão, em sua forma natural, só correndo por correr. Não estavam machucando a ninguém. Seu irmão disse que um grupo de Arcadianos apareceu e se aproximaram deles. Brigaram e os Arcadianos dispararam em Jake com algo, e caiu fortemente. Peter correu atrás de ajuda.

—E onde está Peter. —Perguntou Fury.

Uma lágrima deslizou do canto de seu olho.

—Morto. Qualquer coisa que lhe dispararam na cabeça, só viveu o suficiente para nos dizer o que aconteceu.

Carson aproximou a mão até Margery antes que permitisse a Sasha e Fury sair da sala.

—Escavei na cabeça de Peter e não pude encontrar nada. Não há ferida de entrada, nem de saída, nem sangue. Nada. Não sei o que foi que o matou.

Isso não lhe cheirou bem.

—Magia? —Perguntou Fury.

Carson negou com a cabeça.

—Mas essa ferida seria tão poderosa?

---

<sup>2</sup> Loba, companheira do lobo. N. da Tradutora.

Sasha trocou seu peso.

—Os deuses.

Fury não esteve de acordo com isso.

—Não cheira a um deus. Eu nos cheirei a nós.

Sasha soltou um comprido suspiro.

—Sabes quantos Lykos párias existem?

—Desde que sou o Regis dos Katagaria, sim, sei. Há milhares de nós e só neste período de tempo —o que não lhe disse foi que a essência era uma com a qual estava mais que familiarizado. Uma do passado que tinha feito tudo para esquecer. —Vou fazer algumas investigações e ver com o que posso dar.

—Obrigado —Disse Carson.

Fury não esteve de acordo com sua gratidão.

—Sem ofender, não estou fazendo isto por ti. Estou preocupado por minha gente. Precisamos saber o que é que lhes causa manter-se nesta forma.

—E se é reversível —adicionou Sasha.

Fury assentiu.

—Estarei em contato.

—Ei. Fury?

Ele se virou a Sasha que golpeou seu peito três vezes com seu punho, depois deslizou sua mão para baixo. Um gesto silencioso que deixava ver que Sasha não esqueceria de dar a carta a Aimee. Inclinou sua cabeça com respeito antes de abandonar a sala e dirigir-se abaixo das escadas. Mas com cada passo que dava, suas lembranças mais profundas o queimavam ao redor. Retornou no tempo para uma mulher que uma vez tinha sido seu mundo inteiro. Não sua amante ou parente, tinha sido a melhor amiga. Angelia.

E num batimento do coração, quando seu irmão havia dito ao seu clã o que ele realmente era, ela não só tinha traído sua promessa sagrada, ela tinha tratado matá-lo. Ele ainda podia sentir a furada de sua faca enquanto o levava a fundo... a cicatriz ainda estava marcada em seu peito só a centímetros de seu coração. A verdade era que ela realmente não tinha falhado a esse órgão. Suas palavras até ele tinham feito mais mal que qualquer arma teria podido fazer.

Se ela estava por trás disto, ele se asseguraria que fora o último engano que essa cadela cometeria.

## CAPÍTULO 2

Angelia duvidou dentro do infame bar O Santuário. Eles apareceram no terceiro andar do limani —a área que tinha sido designada para aqueles que se teletransportavam dentro para que ninguém os visse—e agora estavam tratando de obter a visão da paisagem estranha. Pouco iluminado, o teto do clube estava pintado de negro e as paredes eram feitas de um escuro tijolo vermelho. Barras de metais negras e elegantes se agregavam ao sentimento de caverna do lugar.

Ela tinha passado a maior parte de sua vida na Inglaterra medieval, preferindo o campo e ar não contaminado do caos da vida no século vinte e um. Agora sabia porque. Edifícios como este eram claustrofóbicos. Estava acostumada a tetos arqueados de nove metros. O teto sobre sua cabeça não podia ser maior que 3 metros se muito.

Receosa, ela olhou as luzes elétricas ao seu redor. Como uma Were Hunter, era suscetível às correntes elétricas. Uma pequena sacudida e poderia perder o controle não só de sua magia, de sua forma humana também.

Como era que sua gente vivia nesses lugares horrivelmente cheios de pessoas e com tantos lugares eletrificados? Ela nunca entenderia a aparência. Sem mencionar a roupa...

Ela usava um par de calças azuis ordinárias e uma blusa branca que mesmo sendo suave, era bastante estranha.

—Estás seguro que é uma boa idéia? —murmurou ao seu companheiro Dare.

Ele parou uma cabeça inteira e ombros sobre ela. A primeira vista seu cabelo parecia café escuro, mas na realidade era feito de todas as cores, cinza, castanho avermelhado, café, negro, mogno e inclusive algo de loiro. Comprido e ondulado, esse cabelo era o mais bonito que qualquer macho deveria ter. Ela, por si mesma, mataria por ele. Ainda assim, ele não pensava nada a respeito disso ou do fato que ele era incrivelmente sexy e quente. Não que ela tivesse dormido alguma vez com ele. Ele era praticamente Katagaria com a forma na qual ia atrás das mulheres e como uma mulher Arcadiana, ela encontrava esse comportamento animal repugnante.

Ainda assim, ele era o que tinha as wolfswans mais ferozes em sua pátria e as mulheres de seu clã tinham estado lutando por ele por séculos.

Esta noite ele estava lá fora por sangue.

Felizmente não era o seu.

Ele girou seus lamacentos olhos verde avelã para ela.

—Se estás assustada, garotinha, vá para casa.

Ela quase nem conteve a urgência de golpeá-lo com fúria. Sua arrogância a havia sempre incitado de forma incorreta.

—Não temo a nada.

—Então siga e permaneça em silêncio.

Ela fez um gesto obsceno por trás de suas costas enquanto se dirigia às escadas. Era a que a tinha arrastado a viver no passado. Ego Masculino. Aqui estava uma Aristos, uma das mais poderosas de sua raça e ele ainda a tratava como se fora um lixo inferior.

Deuses como queria golpeá-lo.

Mas ele era o neto de seu anterior líder e o cabeça do seu grupo, então era uma honra obrigada segui-lo. Inclusive se desejava matá-lo.

Recorde seu dever, recordou a si mesma. Ela e Dare tinham nascido no ramo Arcadiano dos Were Hunters. Humanos que tinham a habilidade de mudar para animais. Seu trabalho era ser polícia dos Katagaria. Os Were-Hunters eram animais capazes de mudar para humanos. Só porque os Katagaria algumas vezes usavam a pele da humanidade não faziam de besta a um deles. Eles não tinham entendimento do raciocínio humano, emoções complexas ou decoro. Ao final do dia, os Katagaria ainda eram animais. Primários. Brutais. Imprevisíveis. Perigosos.

Eles caçavam às pessoas e a cada um dos outros animais que eram. Nenhum podia ser confiável. Nunca.

Mesmo assim que irônico era que um grupo Katagaria que era dono do bar e que mantinha sua lei de paz. Em teoria ninguém podia machucar a ninguém mais.

Sim, certo. Ela não acreditava nisso por um minuto. Eles provavelmente eram melhores ao esconder os corpos.

Ou comê-los.

Forte e sentenciosa, talvez, mas havia um sexto sentido dentro dela que dizia que deveriam ir antes de terminar sua missão.

O sentimento piorava enquanto desciam passando o segundo andar, onde um urso despiu seus dentes ante eles em advertência enquanto olhava para cima do jogo de cartas que estava jogando contra um grupo de humanos. Franzindo o cenho, espero que Dare reagisse, mas logo continuou em seu caminho para o andar inferior. Ela assumiu que tinha perdido a reação do urso, apesar de não gostar do homem que normalmente captava cada matiz de hostilidade ao seu redor.

De repente, um forte grito elétrico atravessou o ar, fazendo-a estremecer-se como se agredisse seu ouvido de lobo. Ela cobriu um ouvido com sua mão enquanto rogava que não estivesse sangrando.

—O que é isso?

Dare apontou ao palco onde um grupo do Weres estava afinando instrumentos. Uma forte guitarra gemeu antes de começar uma canção e a multidão os aclamasse.

Ela fez uma careta ante a vista e sons.

—Que música tão terrível —ela se queixou, desejando que estivessem de novo em casa e não no meio deste boteco.

Uma vez que estiveram no porão, Dare só foi capaz de dar dois passos antes que estivesse rodeado por cinco dos mais mal encarados were-ursos que tinha visto. O mais velho deles, que parecia ser seu pai dado que levava um estranho esboço dos mais jovens, parado sobre dois metros e dez de altura. Ele olhou abaixo para Dare como se estivesse a ponto de rasgá-lo em pedaços.

—Que demônios estás fazendo aqui, lobo?

As fossas nasais de Dare se aplanaram, mas sabia a mesma coisa que ela. Estavam em desvantagem em um território hostil, rodeados por animais.

Angelia clareou sua garganta antes de falar com o urso mais velho.

—Não é aqui o santuário?

Um dos ursos loiros mais jovens empurrou a Dare.

—Não para ele, não é. É mais como um cemitério.

Dare se conteve e sustentou o olhar de maldita cólera. Felizmente ele conteve seu temperamento e não golpeou de novo.

Ainda.

Uma alta mulher loira, que se parecia com os homens o suficiente para ser outro parente, deteve-se ante eles. Deu a Dare um olhar insultante antes de rastrear aos were-ursos com um mordaz olhar.

A ursa riu ante eles.

—Ele não é Fang, meninos. Felicidades, estão a ponto de esfolar a um lobo inocente — tomando sua bandeja sob o braço, deu um passo para trás só para que o urso mais velho a detivera.

—Parece e cheira como Fang.

Ela soprou.

—Acredite em mim, papai, não é nada como Fang. Conheço meu lobo quando o vejo e esse rapaz aí seriamente carece de algo.

O mais jovem no grupo observou o cabelo de Dare.

—Ele tem a marca dos Kattalakis.

A garçonete pôs os olhos em branco..

—Muito bem, Serre. Mata ao bastardo. Não é que me importe de uma maneira ou outra.

— Ela se afastou sem olhar para trás.

Serre soltou o cabelo de Dare e fez um som de desgosto.

—Quem demônios é você?

—Dare Kattalakis.

Angelia congelou ante a profunda e ressonante voz que se deslizou sobre ela como gelo. Era uma voz que não tinha escutado em séculos e era uma que pertencia a alguém que ela assumia.

Fury Katalakis.

Com o coração pulsando Angelia viu como os ursos se afastavam para lhe deixar passar. Alto e magro, Fury tinha em tipo de corpo musculoso que o resto dos homens deviam trabalhar para ter. Mas ele não. Inclusive quando era um juvenzinho já tinha os músculos definidos que faziam com que o resto dos machos em sua pátria ficassem verdes de inveja e as mulheres desmaiassem.

Os séculos passados só lhe tinham melhorado. A insegurança da juventude se evaporou. O lobo que estava ante ela era ardiloso e letal. Um que sabia exatamente do que era capaz.



Derramamento de sangue imisericordioso.

Da última vez que lhe tinha visto, tinha o cabelo loiro mais longo. Agora o levava muito mais curto, caindo justo sobre a gola da camisa. Mas tinha os olhos daquela cor tão única que era um tom mais escuro de turquesa.

E o ódio que havia neles fez com que lhe dessem calafrios.

A jaqueta de couro Aerostitch levava chamas vermelhas e amarelas nas mangas e nas costas tinha uma caveira branca com duas tíbias cruzadas que olhavam ameaçadoramente por trás das chamas. O zíper estava abaixado e deixava ver uma camiseta branca lisa. As ombreiras do Kevlar alargavam seus ombros já por si bastante largos. Usava calças de couro negro Aerostitch colocadas por dentro das botas de motoqueiro com fivelas prateadas dos lados.

Tragou com força ante a vista incrivelmente sexy que tinha plantado ali, preparado para enfrentar a todos. E, contra sua vontade, o coração lhe acelerou. Se Dare estava bem, Fury estava muito bem.

Hipnotizante.

E que o lobo tivesse um traseiro tão firme e estupendo, deveria ser ilegal inclusive nestes dias e nesta época. Era tudo o que podia fazer para não olhá-lo. Ou melhor dizendo, para não lhe olhar.

Ignorando como lhe comia com os olhos, Fury fixou os olhos em Dare.

—Fazia muito tempo que não nos víamos, irmão.

—Não o suficiente. —disse Dare entre os dentes apertados.

—Conhece-lhe? —perguntou o pai dos ursos.

Fury deu de ombros.

—Estava acostumado a lhe conhecer. Mas, caras, se querem lhe fazer picadinho e lhe usar para fazer hambúrgueres, não me importaria o mínimo.

Merda, incluso iria buscar o picador.

Dare avançou até ele.

Serre lhe segurou e lhe jogou para trás.

—Se lhe bates estando aqui, seria um grande engano de sua parte. Inclusive embora dele nós não gostemos.

Fury piscou um olho sarcásticamente ao urso.

—Eu também te amo, Serre. Caras, sempre fazem que me sinta tão bem-vindo. Aprecio muito.

—É um prazer. —Serre soltou a Dare.

O pai dos ursos suspirou.

—Posto que parece que cometemos um engano, deixemos aos lobos com seus assuntos. — jogou um olhar de advertência a Dare.

—Recorda. Sem derramamento de sangue.

Nenhum falou até que os ursos estiveram fora do alcance. Fury olhou a ambos com cautela. Dare e ele, junto com Vane, Fang e suas irmãs Anya e Star eram irmãos de ninhada.

Nascidos ao mesmo tempo de sua mãe Arcadiana. Sua mãe ficou com ele, com Dare e com Star e tinha mandado aos outros para viver com seu pai Katagario.

Isso foi quando assumiram que Fury era humano. Sim. E no momento em que sua família descobriu que não era humano, voltaram-lhe as costas e tentaram lhe matar.

A "compaixão" humana.

E quanto a Angelia... a odiava inclusive mais do que odiava ao seu irmão. A Dare pelo menos compreendia. O sacana sempre tinha sido ciumento com ele. Nas lembranças mais prematuras de sua infância, sempre estava Dare, tentando lhe afastar do carinho de sua mãe.

Mas Lia tinha sido sua melhor amiga. Mais próxima que seus irmãos ou inclusive que suas amantes. Fazia promessa de sangue de lhe guardar as costas para sempre.

Então, também lhe tinha traído. Só por isso, poderia matá-la. Ainda assim, tinha que admitir que ainda lhe fascinava. Tinha o cabelo negro comprido, brilhante e suave. O tipo de cabelo que pedia a gritos que um homem acariciasse com as mãos e enterrasse o rosto até que estivesse bêbado da essência feminina. Os grandes olhos escuros tinham um ar sonhador que os fazia tão sedutores como belos. E seus lábios...

Grandes e carnudos, pediam beijos. Também eram o tipo de lábios que um homem não podia deixar de imaginar ao redor de certa parte de sua anatomia enquanto lhe olhava de baixo com aqueles olhos escuros e sedutores. Porra, só de pensar lhe punha duro e quente.

Apertando os dentes, entrecerrou os olhos ao ver as marcas espirais que cobriam a metade de seu rosto. Isso era novo e a marcavam como o pior tipo dos moralistas Arcadianos.

Um Sentinela.

Eram os que pensavam que eram muito melhores que os Katagarios aos quais tinham jurado caçar e enjaular como os animais que os Arcadianos lhes acusavam de ser.

Resultava-lhe difícil acreditar que em outro tempo se preocupou por ela. Devia ter estado louco.

—Vi seu trabalho em Litarian —Disse Fury, seu tom gutural —Queres me dizer como o fizeste?

Dare, cujos olhos se pareciam muito aos de Vane, que estavam tão horripilantes como o inferno o olharam fixamente.

—Não sei do que falas.

Fury fez uma careta depreciativa ante ele.

—Sim, claro. E assumo que ambos estão aqui pelas bebidas porque esse tipo de elaboradas coincidências acontecem todo o tempo —ele farejou o ar.

—Oh, o que é isso? Merda? Sim, cheiro montões de merda.

—Como se —cuspiu Der— não pudesses cheirar merda neste poço séptico de álcool barato, perfume exagerado e fetidez animal.

—Oh, verás, aí estás equivocado. Vivo numa fossa séptica. Recolher a essência de merda é minha especialidade e irmão, tu fedes a ela. Então, se eu fosse tu, melhor me dizer o que fizeste ou vou te entregar aos ursos Peltier.

Dare se burlou

—O que é que vão fazer? Têm que manter a lei de Não Derramar Sangue.

—Certo, mas aqui estamos três representantes do Omegrion debaixo deste teto e dois mais vivem a um uivo de distância. Poderíamos chamar votação e... basicamente irmão, estás fodido.

—Não irmão —Dare se burlou da palavra.— Estás tu.

Antes que Fury pudesse piscar. Dare levantou uma arma e a apontou à cabeça de Fury. Fury tomou o pulso de Dare ao mesmo tempo em que disparou. Agachando-se e girando, caiu sobre seus joelhos atacamando o braço de Dare com ele.

Os gritos soaram alto ao seu redor.

—Pistola —Alguém gritou, causando com que os clientes humanos entrassem em pânico enquanto corriam pela porta.

Angelia tomou a Fury pela garganta.

—Solte-o!— Gritou Dare, enquanto tratava de libertar sua mão fora da de Fury.

Fury se recusou a deixar a mão de Dare. Se o fazia, o bastardo lhe dispararia com o que seja que usou com os leões.

Angelia envolveu sua mão sobre sua garganta, estrangulando-o.

—Deixa-o ir, Fury.

Antes que pudesse responder, os três foram lançados a um lado. Fury tratou de levantar-se, mas alguém os tinha segurado com um campo de força do inferno. Grunhindo, golpeou de volta com seus poderes com ira. Isto em vez de romper o fechamento, converteu-o em lobo.

Ladrou a Mama Peltier, quem se colocou em pé entre eles. Mas ele sabia por experiência que não eram dela os poderes que sentiu. O problema era que não sabia a quem pertenciam.

—Ninguém vem a minha casa e faz isto—espetou ela. —Os três estão proibido de entrar aqui e se alguma vez lhes apanhar dentro do Santuário outra vez, não viverão o suficiente para lamentá-lo.

—Ele nos atacou— disse Dare. —Por que deveríamos ser expulsos?

Dev o içou do piso.

—Qualquer um que participe de uma briga é expulso. Essas são as leis.

Colt foi mais gentil ao levantar Angelia.

—Não houve derramamento de sangue —discutiu Angelia.

Mama torceu os lábios.

—Não tem importância. Quase nos expõem aos humanos. Felizmente para vós, os evacuamos rapidamente. Agora, fora.

Fury tratou de voltar-se humano de novo para lhes dizer o que estava acontecendo, mas seus poderes não estavam cooperando. Nem sequer seus poderes mentais estavam trabalhando. Isto muito provavelmente tinha a ver com o fato que os poderes de alguém mais o estavam dominando.

Maldita seja!

Dare o olhou fixamente e fez um gesto que lhe fez saber que isso não tinha terminado.

Então, ele e Angelia se foram.

—Isso significa que tu também, Lobo— grunhiu Dev. —Max, deixe-o ir.

O campo de força caiu.

Finalmente foi capaz de voltar-se humano. Embora não pôde fazê-lo sem a pública nudez.

A diferença de outros Were-Hunters, não podia manifestar roupas ao mesmo tempo que mudava.

Realmente odeio meus poderes...

Enquanto se aproximava para recolher sua roupa, estas foram postas sobre seu corpo.

Confuso, olhou ao redor e capturou o olhar de Aimee. Ela inclinou sua cabeça para lhe deixar saber que tinha sido ela quem o tinha ajudado. Sem dúvida Fang devia lhe haver contado sobre sua debilidade.

Dev deu um passo para frente.

—Já vou —disse Fury. —Mas antes de fazê-lo, deixem felicitar a todos vocês por sua estupidez. Esses dois imbecis que acabam de ir foram os que foderam os leões de cima. Estava tratando de obter informação deles.

Dev amaldiçoou.

—Por que não nos disseste?

—Estava tentando. Da próxima vez que o ponháis um campo de força a alguém, deverias não desejar asfixiar sua habilidade para falar também.

O dragão, Max, sacudiu sua cabeça.

—Pensei que estarias preparado para me insultar por te segurar no chão. É o que normalmente fazes em qualquer momento que te diriges a mim.

—Provavelmente o faça porque não tenho nada mais importante o que te dizer.

Dev clareou sua garganta para atrair sua atenção.

—Eles são deste período de tempo?

—Não.

Mama assentiu.

—Então devem estar em alguma parte da cidade. Não há lua cheia para que eles usem o salto no tempo.

Fury o desejava, mas havia outra verdade a respeito de sua velha amiga.

—A mulher era uma Aristos. Não está atada à lua. Poderiam estar em qualquer lado, em qualquer tempo.

Dev suspirou.

—Bom, ao menos tiramos os humanos antes que vissem que acontecia algo antinatural.

—Que bom. —Fury fechou sua jaqueta—. Agora se me desculparem...

—Tu segues expulso daqui.

—Como se me importasse—. Tinha sido expulso de melhores lugares que este, e ao menos aí houve ao menos um par de pessoas que em realidade se preocuparam com ele... ao menos por alguns anos.

Sem olhar para trás, deixou-os e se encaminhou até a Ursulinas. A rua estava estranhamente silenciosa, especialmente, dado o número de humanos que tinham saído gritando na noite há uns minutos. A ameaça de violência devia ter se metido debaixo de suas peles.

Mas isso não mudava o fato que tinha ainda um lobo a rastrear. Dois, para ser preciso. O sentido comum lhe disse que retornasse a sua manada e dissesse a Vane o que estava acontecendo.

Fury se mofou.

—Vivi toda minha vida sem nenhum sentido. Por que deveria começar a ter um agora?

Enquanto se aproximava de sua motocicleta, uma estranha fissura de poder lhe percorreu a coluna. Voltou-se esperando briga, mas antes que pudesse sequer mover-se, foi golpeado por um choque feroz. Amaldiçoando, caiu ao chão com força. A dor explodiu através dele enquanto mudava para sua forma de lobo, logo em humano e em lobo outra vez.

Esteve completamente imobilizado enquanto seu corpo lutava para ficar de alguma forma, mas foi incapaz disso.

Dare se encaminhou para ele lentamente, logo o chutou com força nas costelas.

—Deveria ter morrido, Fury. Agora desejarás havê-lo feito.

Fury carregou até ele, mas seus músculos não cooperavam. Se pudesse pôr uma mão ou pata no bastardo, destroçaria-lhe a garganta.

Dirigiu o olhar para Angelia para ver simpatia em seu rosto um instante antes que Dare lhe disparasse. Uma dor indescritível o atravessou enquanto lutava para estar consciente.

Foi uma batalha perdida. Em um segundo, tudo se voltou negro.

—O que estás fazendo? —perguntou Angelia a Dare.

—Precisamos saber o que sabe ele sobre nosso experimento. Chegado ao ponto, precisamos saber com quem esteve falando. Não podemos permitir que nosso segredo seja descoberto.

Ela se acovardou enquanto observava que o corpo de Fury continuava mudando de forma humana ao branco lobo e vice-versa. Ao menos até que Dare colocou o colar em sua garganta que o manteve como humano. Dado que a força natural de Fury era o lobo, ao mantê-lo como humano, especialmente à luz do dia, debilitariam-no.

E seria doloroso.

Ela sacudiu sua cabeça ante suas ações.

—Sabes que não nos vai dizer nada.

—Não estaria tão seguro disso.

O Fury que ela recordava nunca contaria segredos. Morreria antes de fazê-lo e ele podia agüentar muita dor. Ainda quando menino, tinha sido mais forte que qualquer outro.

—Como podes ser tão certo?

—Porque o vou converter em nosso Chacal.

Angelia tragou com o fôlego entrecortado ante a ameaça. Oscar era um chacal cujo coração era tão negro, que era mais animal que homem.

—É seu irmão, Dare.

—Eu não tenho irmão. Tu sabes o que os Katagaria fizeram a minha família. A nossa pátria.

Era verdade. Tinha estado ali na noite em que o pai Katagari de Dare tinha liderado o ataque no campo Arcadiano. Só era uma menina, ela tinha sido escondida enquanto os ataques começavam. Sua mãe a tinha enlameado com terra para mascarar seu cheiro antes de colocá-la no porão.

Ainda agora, podia ver os lobos quando atacavam a sua mãe e a assassinavam enquanto ela observava com horror através das tábuas do chão.

Dare tinha razão. Eles deviam proteger ao seu povo. Os animais deviam ser despojados de seus poderes e eliminados como as violentas criaturas que eram.

Inclusive Fury.

—Estás comigo? —perguntou ele.

Ela assentiu.

—Não quero ver nenhuma criança sofrer meu destino. Temos que nos proteger a nós mesmos. Custe o que custar.

### CAPÍTULO 3

Angelia percorreu o pequeno campo que tinham construído enquanto escutava Fury insultar Oscar quando ele e Dare o torturavam para lhe tirar informação. Honestamente, não tinha estômago para isso. Nunca teve.

Talvez Dare estava certo. Talvez ela não deveria estar em um grupo depois de tudo.

Entretanto, era uma guerreira de habilidades sem precedentes. Em batalha, ela não vacilava em matar ou ferir. Era só a idéia de golpear a alguém que não podia se defender que a adoecia.

Ele é um animal.

Sem dúvida a mataria em um segundo. Sabia com cada parte de seu ser e ainda assim...

Intimidou-se quando Fury uivou de dor. Um instante depois, Oscar se encaminhou para ela e o fogo que tinham feito. Sem uma palavra, passou junto a ela e manifestou uma barra de ferro.

Franzindo o cenho, viu como a punha no fogo.

—O que estás fazendo?

—Pensei que uma pequena variante poderiam lhe afrouxar a língua.

Uma onda de náusea a percorreu.

Dare saiu da tenda com a mesma cara de desgosto.

—Eu digo que deverias amassar seu traseiro até que fale.

Oscar riu.

Horrorizada, ela não se moveu até que eles começaram a retornar com a barra na mão.

—Não! —disse ela severamente.

Oscar a inclinou para ela.

—Te afaste.

—Não— repetiu ela. —Isto está errado. Estamos agindo como eles.

O olhar de Dare era severo e cruel.

—Estamos protegendo a nossa gente.

Mas isto não era proteção. Isto era uma absoluta crueldade. Incapaz de suportá-lo, tentou outra tática.

—Me deixem interrogá-lo.

Deare franziu o cenho.

—Por que? Como há dito ele não dirá nada.

Ela assinalou para a tenda enquanto tratava de manter sua ira sob controle.

—Estiveste golpeando-o durante horas e não chegamos a nenhuma parte. Me deixem tentar outra aproximação. Qual poderia ser o dano?

Oscar pôs a barra de novo no fogo.

—Preciso comer, de todas as maneiras. Tens até que termine, então o farei a minha maneira de novo.

Sentindo repulsão por ambos, Angelia girou em redondo e se dirigiu à tenda.

A visão de Fury no chão a parou em seco. Continuava em sua forma humana, nu com ambas as mãos atadas em um ângulo estranho por trás de suas costas. Outra corda mantinha suas pernas atadas. Estava coberto de machucados e cortes ao ponto que quase nem podia reconhecê-lo.

O fato que estivesse ferido e em sua forma humana devia ser agonizante para ele. Cada vez que o machucavam, eles reverteriam sua forma natural. Para ela era a humana, para Fury...

Ele era um lobo.

Tratando de manter isso em mente, ajoelhou-se ao seu lado.

Ele grunhiu ameaçadoramente até que levantou o olhar para encontrar o dela. A dor e a tortura naqueles olhos turquesa a fizeram estremecer. E enquanto ela baixava o olhar, viu a cicatriz em seu peito. A ferida onde o tinha apunhalado.

A culpa a rasgou por algo que nunca devia ter feito.

—Por que simplesmente não terminas o trabalho?—disse ele, seu tom hostil e mortal.

—Não queremos te machucar.

Ele riu amargamente.

—Minhas feridas e a diversão que vejo em seus olhos quando me fazem isso me contam uma história diferente.

Ela afastou o cabelo de sua testa para ver o vicioso corte ao longo de sua sobrancelha. O sangue emanava de seu nariz e lábios.

—Sinto muito.

—Todos sentimos por algo. Por que não és pelo menos uma vez um animal e simplesmente me matas? —Olhou-a fixamente. —Deverias poder também. Não vou te dizer uma merda.

—Precisamos saber que aconteceu com o leão.

—Vá ao inferno.

—Fury...

—Não te atrevas a usar meu nome. Não sou senão um animal para todos vós. Me acredite, deixaram isso mais que claro há quatrocentos anos quando me golpearam até a morte e logo me jogaram para morrer.

—Fury...

Ele lhe ladrou como um lobo.

—Poderias te deter?—. Ele continuou fazendo sons de lobo. Ela suspirou, sacudindo sua cabeça. —Com razão não deixam de te golpear.

Despindo seus dentes numa verdadeira forma canina, ele grunhiu, logo ladrou. Não havia nada humano no som ou em seu comportamento.

Angelia retrocedeu.



Em um momento esteve afastada dele. Fury caiu no chão e deixou de fazer som algum. Jazia completamente quieto. Estava morto?

Não, seu peito ainda se movia. Também podia ouvir sua esmorrecida respiração. Enquanto o observava, seus pensamentos se voltaram para o passado. Ao jovem de quem uma vez tinha sido amiga. Ainda quando ele era quatro anos mais jovem que ela, havia algo nele que a tinha comovido.

Onde Dare tinha sido sempre arrogante e mandão, Fury tinha mostrado uma vulnerabilidade que a tinha feito ser protetora com ele. Mais que isso, nunca a tinha tratado como a uma inferior. Ele tinha sido seu companheiro e confidente.

*Eu serei sua família, Lia.* Essas palavras a perseguiam. Esse tinha sido o voto de Fury quando se inteirou que sua família tinha sido assassinada pelos Katagaria, por seu próprio pai de manada. *Nunca deixarei que os lobos te machuquem. Juro-lhe isso.*

E assim tinha estado toda a manhã enquanto o torturavam sem piedade.

É nada comparado com o que lhe fizeste na última vez que o viu.

Era verdade. Ela não tinha estado para ele, então tampouco. E eles o tinham golpeado muito pior que isto.

—Fury—tratou de novo. —Me diga o que precisamos saber e te prometo que isto acabará. Ele levantou a cabeça para lhe cravar um furioso olhar.

—Eu não traio aos meus amigos.

—Não te atrevas a me dizer isso. Estava protegendo a minha gente quando ataquei.

Ele deixou escapar um sopro de incredulidade.

—Pelo maior, eles eram minha gente, também.

Ela negou com sua cabeça.

—Tu não tens povo. És um animal.

Ele torceu seus lábios em uma careta cruel.

—Bebê, me desamarre, e te mostrarei quanto de animal há no homem que realmente sou. Me acredite. Ele é muito mais cruel do que é o lobo.

—Te disse— exclamou Oscar enquanto se unia a eles na tenda. Ele inclinou a vermelha e ardente ponta da barra para o dossel.

—Deverias ir. O desagradável cheiro de carne queimada poderia ser muito para seu nariz.

Ela viu o pânico nos olhos de Fury enquanto tratava de afastar-se com rapidez deles.

Oscar o agarrou pelo cabelo e o trouxe de volta. Fury o chutou, mas não era muito o que podia fazer dado o amarrado que estava. Ainda assim brigou com uma coragem que era admirável.

—Fora— disse Dare enquanto entrava na tenda.

Enquanto se encaminhava para o dossel, Fury deixou escapar um uivo tão feroz e cheio de dor que lhe fez pedaços a alma. Girando, viu Oscar que deixava cair a barra através do quadril esquerdo que se queimava com um cheiro nauseabundo.

Certo ou errado, ela não podia deixar que seguissem lhe fazendo isso.

Empurrou a Dare de seu caminho, logo chutou a Oscar nas costas afastando-o de Fury. Antes que pudessem recuperar-se, ajoelhou-se junto a Fury e posou sua mão em seu ombro. Usando seus poderes, levou-os para fora da tenda, movendo-os longe, dentro do pântano onde tinham acampado. Dado que não conhecia bem a área, foi o lugar mais seguro aonde pôde levá-lo.

Quando seu olhar encontrou o dela, não havia gratidão aí. Só ira e uma aguda ameaça que a cravava.

—E agora o que vais fazer? Me deixar aqui para que os crocodilos me comam?

—Deveria—. Em vez disso, manifestou uma faca com a qual cortou as cordas que atavam suas mãos.

Fury estava aturdido por suas ações.

—Por que estás me ajudando?

—Não sei. Aparentemente estou tendo um momento de extrema estupidez.

Ele limpou o sangue de seu rosto ao tempo que ela cortava as cordas de seus pés.

—Desejaria que tua estupidez te tivesse chutado antes.

Ela se deteve ante a visão da crua queimadura em seu quadril, onde o chacal tinha apoiado a barra. Tinha que o estar matando.

—Sinto muito.

Fury se dirigiu para o colar em sua garganta e o puxou para libertar-se.

Angelia ofegou ante a ação. Ninguém deveria ser capaz de remover seu colar. Ninguém.

—Como o fizeste?

Ele curvou seu lábio ante ela.

—Posso fazer muitas coisas quando não estou em choque.

Ela começou a mover-se, mas antes que pudesse, ele fechou o colar ao redor de sua garganta. Sacudindo-se, ela tratou de usar seus poderes já seja para atacá-lo ou removê-lo.

Foi inútil.

—Salvei-te!

—Foda-se —lhe espetou ele. —Eu não deveria ter estado lá se vocês dois não me tivessem atacado ontem à noite. Tens sorte que não te devolva o favor pelo que me fizeste.

Um cru pânico a percorreu quando se deu conta que ele poderia fazer o que quisesse com ela e não teria o poder de detê-lo.

—O que é que vais fazer?

Não havia piedade em sua expressão. Nenhum perdão.

—Deveria te arrancar a garganta. Mas felizmente para ti, sou só um tolo animal e matar por vingança não está em minha natureza—. Ajustou o puxão por seu braço. — Matar para me proteger e aos de minha manada é outra história. Farias bem em recordar isso.

Enquanto abria sua boca para responder, Fury os transportou para fora do pântano até dentro da grande casa Vitoriana de seu irmão Vane.

A companheira de Vane se encontrava na sala, em pé junto ao sofá onde seu filho tomava a sesta. Alta e curvilínea, com cabelo curto e acobreado escuro, Bride era uma das poucas pessoas

nas quais Fury realmente confiava. Ela deixou escapar um quase uivo de lobo, antes de virar e lhes dar as costas.

—Por todos os Santos, Fury, me advirta se for saltar aqui nu.

—Sinto muito, Bride— disse ele tratando de manter seu foco. Mas estava se fazendo difícil devido a suas feridas.

—O que aconteceu contigo?

Olhou sobre seu ombro para ver Vane em pé na porta. Ele queria responder, mas a perda de seus poderes combinada com as feridas, era mais do que podia suportar. Seus ouvidos zumbiam. A seguinte coisa que soube foi que era lobo de novo e o cansaço o estava ultrapassando.

*Não a deixe escapar e não lhe tire o colar*, projetou a Vane antes que a escuridão o assolasse outra vez.

Angelia se afastou de um salto de Fury em sua forma de lobo. Dando-se conta que estava inconsciente, começou a caminhar para a porta só para encontrar a um homem que mostrava uma atemorizante semelhança com Dare. Este tipo, entretanto, era mais intimidante e mais bonito.

—Preciso ir.

Olhou sobre ela à mulher junto ao sofá.

—Bride, pegue ao bebê e vá para cima.

Embora seu tom era de ordem, era também gentil e protetor. Ela escutou à mulher ir sem nenhum questionamento. Logo que se foi, ele entreteceu esses peculiares olhos avelã sobre ela, que eram mais de lobo que de humano.

—O que estás fazendo aqui e o que aconteceu ao meu irmão?

Ela agachou a cabeça ante sua pergunta. Seu cheiro... era inequívoco.

—És Arcadiano. Um Sentinela como eu—. Mas a diferença dela, ele escolheu esconder as marcas em sua cara que os designavam como um de sua rara e sagrada espécie.

Ele torceu seus lábios.

—Não sou nada como tu. Minha lealdade é para com os Katagaria e para com meu irmão. Ele disse-me que te mantivera aqui e isso é o que farei.

A ira a percorreu. Ela não tinha intenções de permanecer aí.

—Devo voltar para minha pátria.

Ele negou com a cabeça, sua cara mostrava sua determinação.

—Tu és parte da pátria de minha mãe, o qual te faz minha inimiga mortal. Não irá até que Fury o permita —. Ele passou junto a ela até onde Fury jazia no chão.

Ela estava aturdida ante suas ações.

—Estás me seqüestrando?

Sem esforço, ele elevou Fury do piso. Tarefa nada pequena considerando o tamanho do lobo.

—Minha mãe seqüestrou a minha companheira e a levou a Inglaterra medieval onde os membros masculinos de tua pátria trataram de violentá-la. Seja agradecida que não te devolva o favor.

Essas palavras particularmente similares às de Fury, fizeram-lhe correr calafrios em sua pele.

—Só quero ir para casa.

—Aqui estás segura. Ninguém vai te machucar ... a menos que trates de escapar—. Ele virou e subiu as mesmas escadas que a mulher tinha tomado uns minutos antes.

Angelia o observou até que esteve fora de sua vista. Então correu para a porta principal. Só tinha percorrido três passos antes que quatro lobos aparecessem frente a ela. Despindo seus dentes e impulsionando-se, bloquearam-lhe o caminho.

Katagaria.

Podia-o adivinhar por seu cheiro. Esse cheiro de lobo misturado com humano e magia. Era de dia, o que significava que era difícil para eles aparecer humanos. Não impossível, mas dificultoso, especialmente se eram jovens ou inexperientes.

Tratou de seguir adiante, mas os lobos o acautelaram.

—Faça o que Vane te disse.

Ela virou e se congelou pela comoção. Em sua forma humana, este homem lobo se via bastante parecido a Dare para ser seu gêmeo.

—Quem és tu?

—Fang Kattalakis, e mais vale que rezes a qualquer deus que adores para que a Fury não aconteça nada. Meu irmão morre e eu terei tua garganta—. Ele olhou aos lobos ao seu redor. — Mantenha-a vigiada—. Logo retornou a sua forma de lobo e correu pelas escadas.

Angelia retrocedeu lentamente para a sala. Encontrando com o olhar outra porta de saída, encaminhou-se para ela só para encontrar mais lobos frente a ela.

O medo se deslizou por ela ao tempo que recordava ser uma menina indefesa enquanto os lobos destruíam a sua mãe. Uma e outra vez escutava os gritos e revivia o pesadelo deles rasgando aos seus pais em pedaços. Tratou de fazer explodir os lobos diante dela, mas o colar voltava todos seus poderes inúteis.

Estava ante sua mercê.

—Recuem— exclamou ela, lançando um abajur a um deles. Os outros uivaram e ladraram, cercando-a. Ela não podia respirar, o pânico a inundou. A iam matar!

Vane quis sangue quando viu as profundas feridas no corpo de Fury.

—O que aconteceu?

Voltou-se para encontrar Fang em pé na porta

—Ao que parece os Arcadianos o agarraram e se divertiram com ele.

As fossas nasais de Fang se dilataram.

—Vi uma de suas cadelas abaixo. Quer que a mate?

Não.

Vane franziu o cenho ao escutar a voz de Fury em sua cabeça. Fury abriu seus olhos e o olhou.

*Onde está ela?*

—Lá embaixo. Deixei à manada vigiando-a—. Fury se voltou humano imediatamente.

— Não podes fazer isso.

—Por que?

—Seus pais foram assassinados por nossa manada. Destroçados frente a ela quando só tinha três anos. Deve estar aterrorizada.

Antes que Vane pudesse responder, Fury desapareceu.

Angelia continuou balançando o abajur quebrado ante os lobos à medida que iam se aproximando. Aterrada, quis gritar, mas o som estava bloqueado em sua garganta. Tudo o que podia ver era sangue, e sentir o mesmo horror que havia sentido na noite em que seus pais gritavam ecoando em sua cabeça. Não podia respirar ou pensar.

A seguinte coisa que soube foi que alguém a tinha agarrado por trás. Virou, tratando de golpear ao seu novo atacante, então se congelou quando viu que era Fury em sua forma humana.

Com seu toque gentil, tomou o abajur de sua mão e o deixou no chão. Sua expressão estóica, seus olhos tão brancos.

—Não deixarei que te machuquem— disse ele com um tom calmo. —Não esqueci minha promessa.

Um soluço saiu muito profundo de seu interior enquanto a estreitava contra ele.

Fury amaldiçoou pela maneira em que tremia entre seus braços. Nunca tinha visto alguém que se estremecesse tanto e isso o zangava.

—Se afastem —ladrou aos outros. —Estais atuando como fodidos humanos—. Zangado ante sua crueldade, dirigiu-a para as escadas.

—Não precisava de sua ajuda— lhe soltou ela.

Mas ele notou que não se afastava.

—Me acredite, estou bastante familiarizado com sua boa disposição para apunhalar e matar a sangue frio.

Angelia cambaleou ante essas frias palavras que foram sugeridas com uma bem merecida hostilidade. Era certo. Ele tinha estado desarmado quando ela o atacou e o deixou com sua família e sua brutalidade.

Vergonha e horror a encheram.

—Por que me salvaste agora?

—Sou um cão, recordas? Somos leais inclusive quando é estúpido.

Ela sacudiu sua cabeça com contradição.

—És um lobo.

—O mesmo pensa o resto das pessoas—. Se deteve ante uma porta e bateu. Uma voz amável disse que entrassem.

Fury abriu a porta e a empurrou para dentro.

—Sou eu, Bride. Ainda estou nu assim que ficarei fora. Esta é Angelia. Ela não tem muito carinho aos lobos assim pensei que quereria ficar contigo... se estiver bem para ti?

Bride se levantou da cadeira de balanço enquanto embalava a um adormecido infante em seus braços.

—Estás bem, Fury?

Angelia viu a fadiga em seu rosto e só podia imaginar o muito que devia estar sofrendo. Ainda assim, ele tinha ido atrás dela...

Era surpreendente.

—*Sip*— disse em um tom tenso— mas na realidade preciso me deitar e descansar por um momento.

—Vá dormir, querido.

Fury se deteve e olhou a Angelia com uma feroz hostilidade, tão potente, que os calafrios lhe chegaram à alma.

—Tu a machucas, lanças a ela sequer um mau olhar que fira seus sentimentos e que me agarrem, que te massacrarei como carne de ontem e nenhum poder, nem teu nem de outros, poderão te salvar. Entendeste-me?

Ela assentiu.

—Não estou brincando— lhe advertiu de novo.

—Sei que não.

Ele inclinou sua cabeça para ela antes de fechar a porta.

Angelia virou para encontrar Bride fechando a distância entre elas. Sem uma palavra e ainda sustentando ao infante, Bride passou junto a ela e abriu a porta. Fury estava de volta em sua forma de lobo, jazendo no corredor onde deve ter paralisado tão logo fechou a porta.

Com preocupada expressão, Bride se ajoelhou no chão e enterrou uma mão na branca pele.

—Vane?

Ele apareceu no corredor junto a ela.

—Que diabos faz ele aqui? Estava procurando ele lá embaixo.

—Queria que vigiasse a Angelia.

Vane olhou para ela e lhe dirigiu um arisco olhar.

—Por que?

—Ele disse que estava assustada e que queria que ficasse comigo. O que está acontecendo?

O rosto de Vane se suavizou enquanto observava a sua companheira. O amor que ele sentia por ela era tão óbvio que comoveu o coração de Angelia. Nenhum homem a tinha olhado alguma vez com esse tipo de ternura.

Ele apartou uma mecha de cabelo de seu rosto antes de posar a mão no cabelo negro do infante adormecido.

—Não estou seguro, bebê. Fury sempre fala mais contigo que comigo.

Ele retornou o olhar a Angelia e o voltou letal e frio.

—Advirto-lhe. Se algo acontecer com minha companheira ou ao meu filho, lhe caçaremos e destroçaremos em tantos pedaços que nunca lhe encontrarão toda.

Angelia ficou rígida.

—Não sou um animal. Não aprisiono a família das pessoas para me vingar.

Vane se mofou.

—Ah, garota, acredite em mim. Os animais não assassinam ou atacam por vingança. Isso é puramente humano. Assim neste caso, atue como um animal e proteja-a com tua vida. Porque isso é o que vou tomar se ela resultar com um corte de papel em tua presença.

Angelia lhe devolveu o olhar com um dos seus. Se ele pensava atacá-la, ia se inteirar que ela não era nenhuma fracote. Era uma guerreira treinada e não baixaria a guarda sem uma luta brutal.

—Sabes, realmente estou me cansando de ser ameaçada por todo mundo.

—Não são ameaças. Só um fato declarado.

Angelia o olhou fixamente, desejando ir a sua garganta. Se só não estivesse usando o colar.

—Já está bom, gente— disse Bride. —Basta. Tu— disse a Vane— leva Fury para a cama e cuide dele—. Ficou em pé e se dirigiu a Angelia. —Tu, me siga e te prometo que não ameaçarei a menos que faças algo que o mereça.

Vane riu baixo em sua garganta.

—E tenha em conta que embora ela seja humana, perseguiu a minha mãe e a enjaulou. Não deixes que sua humanidade te engane. Ela pode ser tão maliciosa como a melhor.

Bride lhe lançou um beijo ao ar enquanto embalava a cabeça de seu filho com a outra.

—Só quando estou protegendo a ti e a Bebê Boo, querido. Agora coloca a *Fuzzhead*<sup>3</sup> na cama. Nós estaremos bem.

Angelia deu um passo para trás para permitir a Bride mostrar o caminho de volta ao quarto de criança. As paredes eram de um pálido azul celeste, decoradas com ursinhos de pelúcia e estrelas. Pôs ao infante no berço que combinava em branco e azul antes de mudá-lo de lado.

Sentindo-se incômoda, Angelia cruzou os braços sobre seu peito.

—Que idade tem seu filho?

—Dois anos. Já sei que deveria tirá-lo do berço, mas é um dorminhoco cinético e não estou pronta para que caia da cama ainda. Tolo, né?

Ela desenhou um sorriso pela preocupação de Bride.

—Proteger a sua família nunca é tolo.

—Não, não é—. Bride suspirou enquanto roçava o escuro cabelo do bebê com uma mão. Voltando-se, enfrentou a Angelia. —Assim, queres me dizer que está acontecendo?

---

<sup>3</sup> Fuzz é penugem, seria como cabeça de penugem. Muito novo. N. da Tradutora.

Angelia se debateu nas razões disso. Lhe dizer que tinha ajudado a seqüestrar Fury e que logo ficou sem fazer nada enquanto dois de seu grupo o torturavam sem piedade, não parecia um ato de inteligência que ganhasse o prêmio maior.

Mais parecia um suicídio dada a natureza dessa “gente”.

—Não estou segura de como responder a isso.

Bride entreceitou o olhar.

—Então tu deves ser uma desses que o machucaram.

—Não— disse ela indignadamente. —Eu não o torturei. Nunca faria isso a ninguém.

Bride martelou sua cabeça desconfiadamente.

—Mas deixou que acontecesse.

Ela era mais esperta do que Angelia queria.

—Eu os detive.

—Depois de quanto? Fury estava em muito mal estado e eu sei quanto mal pode agüentar e ainda assim levantar-se e brigar. Para desmaiar assim como o fez... alguém o bateu por muito tempo.

Angelia olhou ao longe, envergonhada. Isto na realidade lhe fez mais mal em um nível mais profundo do que teria pensado possível que se não tivesse intervindo antes. Que tipo de pessoa fica sem fazer nada enquanto estão brutalizando a outra? Sobre tudo a uma a quem chamou uma vez de amigo.

Assim, duas vezes em sua vida tinha permitido que Fury quase morrera e não tinha feito nada para protegê-lo.

Não era melhor que os animais aos quais odiava e essa era uma parte dela que desprezava inclusive mais.

—Não estou orgulhosa disso, está bem. Devia ter feito algo antes e sei. Mas realmente lhes impedi de lhe fazer algo mais.

—Está racionalizando tua crueldade.

Angelia apertou os dentes.

—Não estou racionalizando nada. Honestamente, só quero ir para casa. Eu não gosto deste período de tempo e eu não gosto de estar aqui com meus inimigos.

Bride não lhe deu nenhuma escapatória.

—E eu não gosto do que têm feito a Fury, mas até que saiba mais sobre o assunto, não somos inimigos. A hostilidade neste ponto vem só de ti. Disse a Fury que velaria tua companhia e é o que faço. Não há inimizade aqui.

Angelia cortou um intenso olhar para a mulher e seu tom condescendente.

—Não tens idéia do que se sente.

—Ah, espera...— disse Bride com uma sarcástica risada. —Eu estava metida em meus próprios assuntos quando Bryani enviou um demônio para me seqüestrar aqui em meu tempo e me levar a uma vila na Inglaterra medieval, isto foi quando eu nem tinha idéia que estas coisas fossem possíveis. Uma vez ali, todos com os quais entrei em contato me ameaçaram quando eu



não tinha feito absolutamente nada a nenhum, nunca. E isso incluía a Dare Kattalakis. Então os machos de sua pátria tentaram me violentar por nenhuma outra razão que a de estar emparelhada com Vane... Ah, espera, o que estou dizendo? Ainda não tínhamos chegado ao ritual do emparelhamento. Eles estavam dispostos a me atacar por nada mais que levar sua marca. Assim, acredito que tenho uma pequena idéia do que estás sentindo aqui. E em nossa defesa, tu não fostes maltratada.

Angelia pôs mais distancia entre elas. O que Bride descrevia tinha sido há quatro anos. E embora não tinha participado disso, sabia pelos outros o muito mal que tinham tentado infligir à mulher ante ela e isso a adoecia, também.

—Não estava aí quando lhe fizeram isso. Eu estava de patrulha. Só soube disso depois.

—Bem, bom para ti. Foi extremamente traumático para mim. E diferente de tua gente, posso te assegurar que nenhum lobo nesta casa atacará a menos que o provoques com algo que tu faças contra ele.

Angelia se burlou ante sua arrogância e falta de refinamento.

—Tu és humana. Como podes confiar tua vida a animais? Não entendes o selvagens que são?

Bride deu de ombros.

—Meu pai é veterinário. Fui criada ao redor de todo tipo de animais, selvagens e mansos, emplumados, peludos, pequenos e outros. E honestamente, os encontro muito mais previsíveis que qualquer humano. Não apunhalam por trás, não mentem ou traem. Em toda minha vida nunca houve um animal que machucasse meus sentimentos ou me fizesse chorar por algo que fez.

—Te consideres afortunada—disse Angelia com ar depreciativo —Eu vi minha família inteira enquanto eram comidos vivos pela mesma manada de animais que tem abaixo em tua casa com teu filho. O sangue de meus pais fluía de seus corpos através das tábuas do piso e me gotejou enquanto estava recostada aterrorizada de ser destroçadas por eles.

Ela olhou ao berço onde o filho de Bride descansava em paz, inconsciente do perigo no qual estava devido à estupidez de sua mãe.

—Só era um ano mais velha que teu filho quando aconteceu. Meus pais deram suas vidas pela minha e eu observei enquanto a davam. Então terás que me perdoar se for duro para mim pensar bem de qualquer animal exceto daqueles que estão mortos ou enjaulados.

—Realmente te faz pensar que fizeram os animais para serem provocados, não?

Angelia se virou ante o som da baixa e profunda voz que soou como o trovão e mandou calafrios ao seu corpo. Colocando-se cabeça e ombros sobre ela, este homem tinha uma má atitude, tão feroz que se desprendia por cada poro de sua pele.

Vestido todo de negro, usava jeans, botas de motociclista Harley e uma camisa de manga curta que mostrava um corpo masculino perfeito. Ele levava um brinco de prata em forma de espada longa em seu lóbulo esquerdo com uma manga feita de um crânio e ossos cruzados.

Enquanto ele escaneava seu corpo, seus lábios estavam torcidos em uma careta sarcástica que o fazia mais detestável com sua pequena barba de bode negra. Cabelo escorrido e negro que alcançava seus ombros estava penteado para trás de um par de brilhantes olhos azuis.

Seu comportamento rude e letal, recordou a um assassino a sangue frio. E quando olhou para ele teve o pressentimento de que a estava medindo para um ataúde.

Seu coração pulsando desenfreado, lançou um olhar para sua mão esquerda. Cada dedo, incluindo o polegar, estava coberto com uma garra de prata articulada e adornada com uma ponta tão afiada que era obviamente sua arma de escolha. Este homem gostava de cair baixo e sujo com seus assassinatos.

Chamá-lo de psicótico seria um passo adiante para ele.

Instintivamente, ela se retirou três passos.

Bride riu com um som feliz enquanto o via, apesar do fato que ele obviamente não estava bem da cabeça e que era uma ameaça inclusive maior que os lobos de baixo.

— Z... Que demônios estás fazendo aqui?

Ele afastou esses frios olhos longe dela e se concentrou em Bride.

—Astrid deseja que cuide de Sasha. Aparentemente algo ruim aconteceu no Santuário na noite passada e está preocupada com sua segurança.

Os olhos de Bride se abriram.

—Então, o que sabes?

Ele lançou um olhar desconfiado para Angelia que fez que seu sangue corresse frio.

—Alguns Arcadianos encontraram a forma de apanhar aos Katagaria em suas formas animais e despojá-los de sua magia. Sasha disse que aqueles responsáveis atacaram Fury e ninguém o viu desde então. Por conseguinte minha presença não anunciada aqui sem os companheiros de jogo de Trace. Se Sasha está em perigo, Astrid está triste. Se Astrid está triste, matarei a qualquer um que a esteja entristecendo até que esteja feliz de novo. Assim, onde está Fury?

De qualquer outro homem, isso soaria como uma brincadeira, mas Angelia não duvidava por um instante que Z tivesse intenções de levar a cabo sua ameaça.

Especialmente não pela maneira em que estava flexionando essas garras em sua mão.

—Uau, Zarek— disse Bride lentamente, seus olhos brilhando com interesse. —Acredito que foi a maior quantidade de palavras que me há dito durante qualquer visita. Talvez inclusive com todas elas combinadas. Estou impressionada. E por Fury, penso que ele não é quem está incomodando a Sasha, assim, por favor, não o mates. Sentirei saudades se se vai. Ele está mal ferido e desmaiou assim que chegou em casa.

Ele soltou uma maldição tão desagradável, que Angelia até se ruborizou.

Zarek entrecerrou o olhar para ela.

—O que tem ela? Ela sabe de algo?—. O tom não era de pergunta. Era uma inegável intimidação.

Angelia se endireitou e esticou, pronta para brigar se fosse necessário.

—Sou uma Aristos. Não acredito que queiras te meter comigo.

Ele se mofou ante sua audácia.

—Como se me importasse uma merda. Sou um deus, bebê, assim no grande esquema de coisas, se eu quisesse te arrancar a cabeça e usá-la como bola de boliche, não haveria muitos que pudessem me deter e a maioria daqueles que poderiam estariam muito temerosos de sequer tentá-lo.

Ela teve a sensação que ele não estava alardeando.

—Zarek— disse Bride com um tom de recriminação. —Não acredito que torturando-a obterás a informação que desejas.

Um lento e sinistro sorriso curvou seus belos lábios.

—*Sip*, mas poderia ser divertido. Eu digo que tentemos e vejamos—. Deu um passo adiante.

Bride se plantou diante dele.

—Eu sei que queres agradar a tua esposa e posso seriamente apreciar isso. Mas disse a Fury que ela estaria segura. Por favor, não me convertas em uma mentirosa, Z.

Ele grunhiu por baixo e pela primeira vez Angelia respeitou a Bride, quem não retrocedeu de seu agressivo escrutínio.

—Certo Bride. Mas quero saber o que está acontecendo, e se for permanecer aqui por muito tempo sem minha esposa nem meu filho... só digamos que não será bom para nenhum de vocês. Onde está Vane?

—Com o Fury. A primeira porta à direita.

Flexionou as garras antes de voltar e sair. Pensou em dar uma portada, mas olhou ao bebê que dormia e mudou de idéia.

Fechou devagar.

—Obrigada —disse Angelia logo que estiveram sozinhas.

—De nada.

Passou as mãos pelos braços em um esforço por dissipar os calafrios que sua presença tinha deixado.

—Sempre é assim?

Bride cobriu ao menino com uma mantinha azul.

—O certo é que me hão dito que agora é mais doce do que estava acostumado a ser. Quando Vane lhe conheceu realmente era um suicida e um psicótico.

—E achas que mudou... como?

Bride sorriu.

—Bom ponto, mas o acredites ou não, quando traz seu filho para brincar com o meu a verdade é que é muito terno com os dois.

Isso sim pagaria pra ver. Não podia imaginar a alguém tão louco sendo paternal ou terno. Tirando Zarek da cabeça, Angelia se aproximou da janela para olhar a rua. Era tão distinto de seu

lar. Mas sabia que Dare e Oscar estariam procurando-a. Dare era um dos melhores rastreadores de sua pátria. Não deveria ter nenhum problema em localizá-la e trazer reforços.

Que os deuses tivessem piedade desta manada quando chegassem...

—Bom... —disse Bride deixando arrastar um pouco a voz. —Importaria-te me dizer que arma é essa que inventastes?

Angelia não disse nada. A arma era engenhosa e matariam para protegê-la. Com ela, tinham provado que a humanidade estava no primeiro lugar da cadeia alimentícia.

Nenhum dos animais Katagarios teria sido capaz de desenhá-la.

Era o que podia proteger a sua gente dos Katagarios para sempre.

—De verdade que faz que te perguntes o que foi que provocou aos animais, verdade? —as palavras de Z a obcecavam. O certo era que nunca antes o tinha pensado. Tudo o que tinha ouvido era que o ataque tinha sido não provocado e imerecido. Não tinha razão para duvidá-lo. Mas, e se não tinha sido assim?—. Por que te atacou Bryani? —perguntou a Bride.

—Assegurava que estava tentando me salvar de me emparelhar com o monstro de seu filho. Pessoalmente, penso que estava um poquinho maluca.

Isso era um fato indiscutível. Bryani tinha sido a filha de sua líder. Como tal, todo mundo conhecia sua história. Era a história que todas as mães em sua pátria usavam para assustar aos meninos travessos.

Dado o que os Katagarios tinham feito a pobre mulher, era assombroso que ainda tivesse a pouca sanidade que tinha.

—Retiveram-na em sua guarida e a violaram repetidamente. Sabias?

A expressão de Bride se tornou triste e compreensiva. Era óbvio que a tragédia de tudo aquilo não lhe era desconhecida.

—Só a violentou o pai de Vane, mas sim sabia. Vane me contou tudo sobre sua família.

—E alguma vez te disse por que nos atacaram aquela noite?

Bride franziu o cenho.

—Não sabes?

—Temos teorias. Pensamos que os lobos deveriam estar famintos e o cheiro de nosso mantimentos lhes voltou uns assassinos raivosos inclinados a beber nosso sangue. Mas não, ninguém sabe por que nos atacaram.

Bride estava atônita por suas palavras. A expressão mudou de incredulidade a desgosto.

—Ah, sabiam exatamente o que faziam. Só que não querem que ninguém mais saiba. Os muitos cães mentirosos...

Agora era Angelia a que estava desconcertada.

—Do que estás falando?

Quando Bride respondeu, seu tom estava cheio de raiva e desdém.

—Nem um só macho de sua manada confessou alguma vez o que fizeram?

—Fomos vítimas inocentes.

—Sim, e eu sou o Ratinho Pérez<sup>4</sup>. Acredite em mim. O ataque foi provocado. —Bride meneou a cabeça. —Olhe, só te direi que os Katagarios, pelo menos, admitem o que fizeram. Não mentem para encobri-lo.

—Certo, se sabes tanto, por favor, me ilumine sobre o que aconteceu.

—Certo. Os Katagarios tinham um grupo de fêmeas prenhes e incapazes de viajar. — Aquilo era comum entre ambos, Arcadianos e Katagarios. Uma vez que a fêmea ficava prenhe não podia mudar de forma nem utilizar seus poderes para teletransportar-se até que as crianças ou os cachorrinhos tivessem nascido.

Bride cruzou os braços sobre o peito.

—Posto que estavam na Inglaterra medieval no momento em que as fêmeas conceberam, os machos levaram a suas fêmeas ao profundo do bosque, afastados das pessoas e dos povoados para fazer segura a guarida. Levavam ali várias semanas sem ter tido nenhum problema. E então, uma noite, os machos saíram para caçar para conseguir comida. Encontraram um cervo e começaram a persegui-lo quando dois dos machos caíram numa armadilha. O pai de Vane, Markus, mudou para forma humana para ajudar aos dois que estavam apanhados e enquanto se ocupava deles se aproximou um grupo de machos Arcadianos, os mesmos que tinham posto as armadilhas. Markus tentou lhes explicar que não queriam lhes fazer nenhum dano, mas antes que pudesse fazê-lo, os Arcadianos executaram aos dois lobos que estavam na armadilha e começaram a disparar flechas aos outros. Como lhes superavam em número, a manada voltou para a guarida onde encontraram que a maioria de suas mulheres e seus filhos havia desaparecido.

Angelia tragou com força para sentir que um mau pressentimento a percorria.

—Os lobos seguiram o rastro de seu cheiro até o acampamento de Bryani onde encontraram os restos da maioria de suas mulheres. Tinham sido massacradas e suas peles penduravam trespassadas para que se curtissem. Havia um punhado de cachorrinhos ainda vivos, mas enjaulados. Assim que os lobos esperaram até que caísse a noite... Ao ocaso um grupo de Katagarios atraíram aos machos Arcadianos fora do acampamento para que o resto pudesse entrar e libertar as mulheres e crianças que restavam. O pai de Bryani e alguns outros lhes atacaram e foi quando ocorreu a brutal luta que recordas.

Angelia negou com a cabeça

—Mentes! Atacaram-nos sem provocação. Não havia nenhuma razão para o que fizeram. Nenhuma.

—Coração —disse Bride com tom suave. —Nem tu nem eu sabemos a verdade. Só te posso dizer o que a manada de Vane me contou. Na verdade, eu acredito neles e por diferentes razões. Primeira, não tinham fêmeas dessa idade. Parece que alguém as tinham matado. E agora cada macho de quatrocentos anos de idade da manada protege como um louco a qualquer fêmea grávida. Levo quatro anos com os lobos e nenhuma só vez os vi sendo agressivos contra ninguém

---

<sup>4</sup> O “ratão dos dentes” na Espanha. Conto infantil criado em 1894 por Luis Coloma (1851–1915), membro da Real Academia Espanhola desde 1908, onde um ratinho troca os dentes infantis caídos, colocados embaixo do travesseiro, por dinheiro ou presentes. O mesmo que a fada dos dentes por aqui.

a menos que isso ou a manada estivessem ameaçados. Nem tampouco vi mentir a nenhum deles. Pelo contrário, são brutalmente sinceros.

Angelia resistia a acreditar nisso.

—Meu povo não atacaria a mulheres e crianças.

—Tentaram atacar a mim.

—Por represálias.

—Por que razão? Vane não lhes tinha feito nenhum mal e é obvio eu menos. Nem um só macho de toda sua pátria, incluindo o seu líder, o avô de Vane, veio em minha defesa. Nenhum. Mas deixe que te diga. Se alguém ou algo chega a esta casa e me ameaça, não há nem um só lobo aí embaixo que não desse sua vida para me proteger. E isso vai também para qualquer fêmea da manada.

O menino despertou e começou a chorar para que sua mãe lhe atendesse.

Bride a deixou para lhe pegar.

—Já, Trace. Mamãe está aqui.

O menino deixou cair a cabeça sobre seu ombro e se esfregou os olhos.

—Onde está papai?

—Está com tio Fury e o tio Z.

O menino se animou em seguida.

—Bob joga com Trace?

Ela sorriu indulgente.

—Não, céu. Desta vez Bob não veio com o tio Z. Desculpe.

Fez um bico até que viu a Angelia. Então ficou tímido e enterrou a cabeça contra o ombro de Bride.

Bride lhe beijou na bochecha.

—Esta é Angelia, Trace. Diga-lhe olá?

Saudou-a com a mão sem levantar a cabeça.

Apesar de tudo, Angelia estava extranhamente encantada com o pequeno. Sempre tinha gostado de crianças e esperava ter uma ninhada própria algum dia.

—Olá, Trace.

Olhou-a da segurança do ombro de sua mãe. Então sussurrou ao ouvido de sua mãe enquanto ela lhe esfregava as costas com afeto. Nesse momento, uma lembrança reprimida a assaltou. Era algo no qual não tinha pensado em séculos. Fury e vários outros meninos se machucaram subindo a uma árvore. Os meninos que se esfolaram as mãos e os joelhos tinham deslocado para suas mães para que lhes consolassem. Fury tinha quebrado um braço. Chorando foi para sua mãe também. Mas quando chegou ante Bryani, ela lhe afastou zangada.

O tio de Angelia começou a consolar a Fury.

Bryani lhe deteve com um seco grunhido.

—Não te atrevas a consolar a esse menino.

—Dói-lhe.

—A vida é dor e não há alívio para isso. Quanto antes o aceite Fury, melhor estará. Deixa que aprenda logo que o único de quem pode depender é dele mesmo. Se quebrou o braço foi por ser estúpido. Deverá cuidar dele sozinho.

Seu tio estava apavorado.

—É só um menino.

—Não. É minha vingança e um dia vou soltar-lhe contra seu próprio pai.

Angelia se estremeceu ante a lembrança. Como podia ter esquecido? Certo que Bryani nunca tinha sido uma mãe muito amorosa, então por que tinha permanecido em sua memória este fato mais que qualquer uma das outras vezes em que Bryani não tinha querido consolar aos seus filhos? Por isso Dare era tão frio com todos os que havia ao seu redor. Passou a vida tentando ganhar o respeito de sua mãe.

E isso era a última coisa que teria dado aos seus filhos.

—Parece bem que abracem a um?

Ainda podia ouvir o tom desconcertado de Fury quando o perguntou. Era seu aniversário de quatorze anos e seu tio a tinha abraçado antes de deixá-la sair para brincar com Fury.

—Abraçaram-te, Fury.

Ele negou com a cabeça.

—Não. Ao menos, não que eu recorde.

Tentou recordar alguma vez em que alguém lhe tivesse abraçado, mas em honra a suas palavras, não podia recordar nenhuma só vez. Com o coração destroçado, pôs os braços ao seu redor e lhe deu seu primeiro abraço.

Em vez de abraçá-la, ficou quieto com os braços pendurando aos lados. Rígido. Imóvel. Sem respirar sequer. Era como se temesse que se se movia lhe faria mal ou lhe abandonaria.

—E? —perguntou quando lhe soltou.

—Cheiras muito bem.

Ela sorriu.

—Mas, te gostou do abraço?

Então se aproximou dela, esfregando a cabeça contra seu ombro de uma forma muito loba até que lhe envolveu em seus braços outra vez. Só então deixou de mover-se.

—Eu gosto de seus abraços, Lia. —E se afastou dela correndo e se escondeu durante três dias.

Nunca voltou a deixá-la lhe abraçar ou lhe tocar outra vez.

Inclusive com a quantidade de segredos que compartilhavam. Nem sequer quando chorava. Nunca a tocou. Só lhe estendia um pano para que enxugasse os olhos e a escutava até que se sentia melhor. Mas nunca se aproximou o bastante para tocá-la outra vez.

Até hoje, quando a protegeu dos outros lobos.

Por que o teria feito?

Não tinha sentido. Era um animal. Desagradável. Brutal. Violento. Não tinham nem um ponto a seu favor. E ainda assim, não podia tirar da cabeça as imagens de seu passado. As vezes em que Fury, um animal, tinha estado mais perto dela que nenhum outro.

—Sou um Sentinela, Fury! —tinha descoberto as marcas ao despertar e se deslizou às escondidas fora da cabana ao amanhecer e se encontrou a Fury na margem do arroio onde tinha ido dormir. Era um costume estranho que naquele tempo não tinha compreendido. Só depois soube que dormia ali porque era um lobo e temia que sua família se inteirasse de seu segredo.

Sorriu-a com um sorriso franco. Ao contrário dos outros machos de sua pátria, que ficaram ciumentos quando souberam que tinha sido escolhida, Fury estava genuinamente contente por ela.

—Há dito a teu tio?

—Ainda não. Queria que tu foste o primeiro a sabê-lo. —Inclinou a cabeça para lhe mostrar as fracas marcas que ainda não estavam completamente formadas.

—Achas que estarei bonita quando as linhas se preencherem?

—És a wolfswan mais bonita do lugar. Como poderia ser de outro modo com as marcas?

Aproximou-se para lhe abraçar, mas se afastou antes que o fizesse.

Embora dizia a si mesmo que não era mais que um animal, a verdade era que o amava. E tinha sentido falta dele terrivelmente.

E agora havia voltado.

E nada tinha mudado. Ainda era um animal e ela estava aqui para lhe matar ou lhe mutilar de maneira que não pudesse ser capaz de ferir outro ser humano nunca mais.



## CAPÍTULO 4

Fury despertou devagar com o corpo dolorido. Por um momento, pensou que ainda estava preso em sua forma humano. Mas ao piscar para despertar, suspirou com alívio. Era um lobo e estava em casa.

Esfregou o focinho contra as cobertas que cheiravam a lilás. Bride sempre as perfumava com sua água de colônia quando fazia a cama. Normalmente, odiava o cheiro. Mas hoje era como o paraíso.

—Como te encontras?

Levantou a cabeça e viu Vane apoiado contra a parede, lhe olhando. Tomando forma humana, agradecia a Vane que lhe tivesse posto sob os lençóis.

—Estou bem.

—Pareces uma merda.

—Sim, certo, tampouco vou sair contigo, safado.

Vane soltou uma risada breve.

—Deves te encontrar melhor. Voltaste para seu mau gênio. E falando de mau gênio, Zarek esteve aqui. Quer falar contigo quando te levatares e estejas preparado.

Por que queria falar com ele um Ex-Dark-Hunter-que-agora-era-um-deus?

—O que quer?

—Contou-me o que está acontecendo no Santuário. Cancelaram a celebração e tem o local fechado até que cheguem ao fundo deste novo ataque. Ninguém pode entrar nem sair.

—Bom. Onde está Angelia?

—Está na creche e se nega a sair. Acredito que espera que seu povo possa rastreá-la e libertá-la de nós, os animais.

Fury grunhiu ante a idéia.

—Nah, certamente está planejando meu desmembramento.

Sentou-se e tomou fôlego antes de ficar em pé e aproximar-se do gaveteiro para tirar a roupa.

—Posso te vestir eu.

Fury se burlou do oferecimento de seu irmão.

—Não necessito de tua ajuda.

—Então vou abaixo para jantar. —As orelhas de Fury se endireitaram. —O que tem feito Bride?

—Sobras de peru e presunto.

—Purê de batatas?

—Pois claro. Sabe quanto te gosta. —Isso fez com que o estômago lhe grunhisse de gula. Fury se debatia entre comer e ir ver Angelia. Tinha muita fome... mas...

—Me guardem algo.

Vane inclinou a cabeça.

—Nem me ocorreria não fazê-lo. Ah, Fang está morrendo para saber se entregaste a nota a Aimee.

Ele colocou as calças.

—A dei a Sasha para que a entregasse. Assim presumo que, a estas horas, já a terá a menos que Dare tenha comido a Sasha antes que tenha podido completar a missão.

—Não acredito. Z teria estado de muito mais mau humor se isso tivesse acontecido. O farei saber. —Vane saiu do quarto.

Fury terminou de vestir-se e saiu para ver Angelia. Bateu na porta com os nódulos antes de abri-la e a encontrou sentada na cadeira de balanço com as costas contra a parede. Endireitou-se como se tivesse estado dormitando.

Merda, era a coisa mais sexy que já tinha visto. Especialmente com os lábios inchados pelo sono.

Quase lhe sorriu antes que o rosto lhe congelasse ao recordar que se supunha que não devia ser amável com ele.

—O que queres?

—Quero me assegurar de que estás bem.

Aumentou o apertão nos braços da cadeira.

—Não, não estou bem. Estou atolada aqui com animais aos quais ambos sabemos que odeio. Como posso estar bem?

Fury lhe lançou um olhar engraçado.

—Sim, certo, mas ninguém está te batendo. Ao meu ver, estás bastante bem.

Angelia afastou o olhos daquele penetrante olhar dela e tentou centrar-se em quão bonito era. Em quão belos podiam ser aqueles olhos turquesa...

Mas quanto mais tempo permanecia ali, mais difícil lhe resultava recordar que não era mais que um animal como os que a tinham ameaçado lá embaixo.

Ele entrou no quarto.

Ela ficou em pé para manter a distância entre eles.

—Não te aproximes.

—Não vou te machucar... —a voz se foi apagando enquanto os olhos dele se dilatavam perigosamente.

Angelia tragou com força ao reconhecer que seu pior medo se materializou. Tinha captado seu cheiro. Aterrorizada, retrocedeu até a parede preparando-se para lutar até que um dos dois estivesse morto.

Fury não podia se mover enquanto a luxúria nua lhe atravessava. Seu corpo se endureceu imediatamente, era tudo o que podia fazer para não atacá-la. Não lhe estranhava que houvesse se protegido no quarto.

—Estás no cíó.

Agarrou o cofre de cobre em forma de porco de Trace como se o fora a atirar na cabeça.

—Não te aproximes de mim.

Era mais fácil de dizer do que fazer posto que cada partícula masculina sua estava conectada a ela de uma forma que era praticamente irresistível. Seu lobo interior babava ante seu cheiro e a única coisa que queria era tombá-la no chão e montá-la.

Felizmente para ela, não era o animal que ela pensava que era.

Aproximou-se lentamente a ela.

—Não vou te tocar. —Atirou-lhe o cofre à cabeça.

Colheu-o com uma mão e o voltou a pôr em seu lugar na prateleira.

—Digo-o a sério, Fury. —grunhiu-lhe.

—E eu também. Disse-te que não te faria mal e não tenho intenção de faltar com a minha palavra.

Seu olhar baixou até o vulto de suas calças.

—Não me emparelharei contigo voluntariamente. Nunca.

Aquelas palavras lhe feriram mais do que deveriam.

—Confia em mim, neném, não vale a pena os arranhões. Ao contrário que os safados Arcadianos aos quais estás acostumada, eu não tenho que forçar a nenhuma mulher a meter-se em minha cama. Sente-se aí e apodreça. Para o que me importa. —Saiu dando uma portada.

Angelia não se moveu durante vários aterrorizados batimentos como se esperasse que voltasse.

Ele se foi e estava a salvo outra vez... esperava.

Uma e outra vez ouvia na cabeça as histórias sobre como os Katagarios tratavam a suas fêmeas quando estavam no cio. Se não estava emparelhada, oferecia-se à mulher aos machos não emparelhados da manada, que passava um ao outro até que se saciassem dela. A fêmea não tinha nem voz nem voto no assunto.

—São todos animais. —grunhiu, amaldiçoando o fato de que era seu período fértil do mês e estava presa ali com eles. —Onde estás, Dare?

Como se fora uma resposta, um resplendor a surpreendeu.

Esticou-se ao dar-se conta de que não era Dare que vinha em seu resgate.

Era Fury. Com os olhos espinhoso de raiva, aproximou-se dela. Um verdadeiro predador com os deuses sabiam que inclinação.

—Não me toques! —soltou-lhe.

Agarrou-lhe a mão com a sua e a reteve.

—Sabes o que? Vou te ensinar uma lição de grande valor.

Antes que pudesse lhe perguntar qual, os teletransportou da creche até a sala de jantar.

Angelia se aterrorizou ao dar-se conta de que na sala havia oito lobos machos em forma humana. Pelo cheiro, sabia que não estavam emparelhados assim como Fury.

Com o coração palpitante, tentou correr, mas Fury não a deixou. Bloqueando a saída, colocou rapidamente a roupa.

—Te sentarás e comerás. —disse com um grunhido baixo na garganta. —Como uma humana educada. —cuspiu a palavra como se fora a coisa mais baixa imaginável.

Como desejaria ter seus poderes para lhe esmagar e lhe fazer pagar por isso. Sem dúvida ia ser o prato principal e certamente a sujeitaria enquanto os outros a violentavam.

Fury a conduziu até a mesa, à direita de Bride onde se sentava um wolfswain jovem e bonito. Lhe escureceram os olhos quando captou o aroma de sua essência.

Angelia se preparou para o ataque.

Com os olhos negros e dilatados, ficou em pé lentamente. Lá vamos...

la tombá-la diante de todos.

Justo quando pensava que ia fazê-lo, inclinou a cabeça com respeito para Fury, agarrou o prato e o copo e se afastou para sentar-se no outro extremo da mesa.

Fury a fez sentar-se no lugar que tinha ficado vazio.

Bride, que tinha estado observando com curiosidade, deixou escapar um suspiro.

—Devo crer que vocês dois irão unir-se a nós.

Fury assentiu.

—Assim é.

Um wolfswain mais jovem que estava sentado ao outro lado da mesa se levantou imediatamente, fazendo com que Angelia se estremecesse.

—Trarei os pratos.

Bride sorriu com amabilidade.

—Obrigada, Keegan.

Magro e loiro, praticamente saiu correndo até a outra sala para voltar com a baixela de porcelana da China e os talheres de prata. Estendeu um serviço a Fury e depois se voltou para Angelia.

—Você gostaria que te servisse?

—Sente-se, Keegan. —ladrou Fury.

Imediatamente, pôs o serviço frente a ela e voltou para seu lugar. Havia tanta tensão no ambiente que Angelia quase podia saboreá-la. Ignorando-o, Fury pôs a comida em seus pratos e depois colocou um ante ela.

—Tio Fury!

Levantou o olhar e viu Trace que entrava na sala com Fang. Correu para Fury que lhe envolveu em um apertado abraço.

—Ei, garoto. —Apertou-lhe até mais forte enquanto o menino ria de felicidade.

—Trace acertou o alvo!

Fury riu e o rosto se suavizou em uma expressão que ela conhecia muito bem de seus anos jovens... antes que fossem inimigos.

—Me alegro de não ter estado aqui para o treinamento de penico. Bom trabalho, Fang.

Trace correu dentre os braços de Fury para correr junto a sua mãe.

—Trace acertou três patos, Mami.

—É fantástico, coração. Bom trabalho. —agarrou-lhe e lhe sentou em seu regaço.

Os olhos de Fang se abriram como pratos quando, ao aproximar-se, também captou seu cheiro. Conteve o fôlego antes de sentar-se ao outro lado de Fury.

—Sinto que tenhas perdido a Ação de Graças esta tarde.

Fury colocou mais purê de batatas no prato.

—Sim, eu também.

Angelia não compreendia por que aquilo lhe havia posto triste.

—Ação de Graças?

Fury a olhou enquanto cortava um pedaço de peru do prato.

—É uma festa americana. Todos os anos as pessoas se reúnem com sua família para agradecer pela vida e por estarem juntos.

—Por isso estão todos esses lobos aqui. —disse Bride. —Os que estão emparelhados foram para suas casas cedo. Segundo a tradição os machos sem par ficam aqui para jantar e para um torneio com maratona de jogos.

E, de novo, não tinha nem idéia do que estavam falando.

—Um torneio de jogos?

—Videogames. —disse Keegan.

Fury se burlou do entusiasmo do jovem lobo.

—Vem da Inglaterra medieval, garoto. Não tem nem idéia do que estás falando.

—Te posso ensinar isso.

Fang pôs os olhos em branco.

—Pare o carro, menino. As fêmeas Arcadianas comparam estar conosco com a bestialidade.

Com a expressão dolorida, Keegan voltou para a comida e já não se incomodou em voltar a olhá-la.

Um dos machos mais velhos sentados à mesa afastou o prato.

—Perdi o apetite. Obrigado, Bride, pelo jantar. —Olhou a Vane. —Necessita que fique e te ajude a proteger a casa?

—Agradeceria-lhe isso. Ainda não sabemos quantos podem controlar o que quer que seja que derrubou ao leão.

Inclinou a cabeça e se dirigiu para a sala de estar.

Outros dois mais lhe seguiram.

Fang passou a Fury a bandeja do pão.

—Assim, Keeg, estiveste praticando com o Soul Calibur?

Keegan sorriu abertamente.

—Vou te dar uma surra, colega. Desta vez não vou ficar sem anéis.

Vane riu.

—Tome cuidado, Keegan, está te preparando uma boa. Sabe-se todos os movimentos especiais da metade dos personagens.

Com isto se estabeleceu uma conversa sobre um tema do qual Angelia não entendia nada. Mas à medida que conversavam e tiravam sarro entre eles, relaxou-se.

Que estranho que não parecessem tão animais...

Quase pareciam humanos.

Trace baixou lentamente do regaço de sua mãe e rodeou a mesa para que todos os homens lhe agarrassem por turnos um momento. Quando chegou a Fury ficou parado e se aproximou dela.

—Tem uma cara de desenho como meu papai tem algumas vezes.

As bochechas lhe arderam e isso a fez voltar a ser o foco do escrutínio dos lobos.

O lobo ao outro lado de Keegan suspirou pesadamente.

—Merda, mulher, deixa de pôr cara de pânico cada vez que te olhamos. Não vamos te deitar de costas e a... —parou ao olhar a Trace. —te fazer o que pensas que vamos te fazer. Sim, já sei o que pensas. E não, não fazemos essas coisas às mulheres.

Bride agarrou Trace dos braços de Fury. Deu-lhe um rolinho para que o comesse enquanto dirigia sua atenção para a Angelia.

—Já sei que não conheces os costumes katagarias. Quando uma mulher está... —se deteve e olhou ao menino antes de continuar—...em sua condição, é ela que seleciona ao macho que quer. Se não pode decidir-se, então os machos lutam e normalmente, ela escolhe ao vencedor e se não a satisfizer, escolhe a outro. Mas a escolha é sempre da mulher. Os machos entregam sua vida e sua lealdade a suas mulheres. Posto que sua sobrevivência depende de sua habilidade para procriar, levam-no gravado em seu próprio ser.

Quando Bride começou a levantar-se, Keegan agarrou a Trace de seu colo.

—Precisas de algo? —perguntou-lhe.

—Só vou ao banheiro, querido. —deu-lhe uns golpecinhos no braço enquanto saía.

Angelia olhou a Fury enquanto ele ignorava sua presença.

Era por isso pelo qual não a havia tocado nunca? Pensando no passado, recordou como sempre tinha sido mais respeitoso que Dare com sua mãe, sua irmã e com ela. Sempre preocupado com elas e por seu bem-estar. Se necessitavam de algo, ele sempre estava ali.

—Por que me trouxeste aqui? —perguntou-lhe.

Ele engoliu a comida antes de responder.

—Quero saber que arma é essa.

A atenção de todo o mundo se enfocou nela e lhe arrepiaram todos os cabelos do corpo. Estavam preparados para atacar e ela o tinha algo complicado tratando de controlar o pânico.

—Já tivemos esta discussão. —disse por entre os dentes apertados—. Podes me torturar tudo o que queiras, mas não lhe vou dizer isso.

Vane riu.

—Os Katagarios não torturam... matam.

Dois dos lobos mais velhos ficaram em pé.

—Então a matamos? —perguntaram ao unísono com uma faísca de emoção na voz.

—Não. —disse Fury. —Tem minha proteção.

—Ah. —o mais jovem dos que tinham falado recolheu seu prato e o levou a cozinha.

Bride voltou para a mesa e sentou em sua cadeira.

Um por um, todos os homens saíram exceto Vane, Fury, Fang e Trace.

—O que acontece com Zarek? —perguntou Fury.

Fang deu voltas ao vinho no copo, algo que pareceu muito humano a Angelia.

—Ele e Sasha estão rastreando a Dare.

—Espero que não lhe matem antes que eu.

—É teu irmão. —recordou-lhe Angelia.

Fury lhe lançou um olhar violento.

—Deixa que te explique uma coisa, neném. Quando Fang e Anya descobriram que Vane era humano, protegeram-lhe de nosso pai. Quando estava ferido ou dormindo, faziam turnos lhe vigiando em sua forma humana para assegurar-se de que ninguém descobrisse seu segredo. No instante em que Dare descobriu que eu era um lobo, chamou às pessoas para que me matassem. Acredito que deveria lhe devolver o favor multiplicado por dez. Pelo menos, ele é um homem adulto, não um adolescente que não tem forma de proteger a si mesmo de guerreiros mais fortes e maiores.

—Também tem uma arma que não é muito justa. Acredito que deveríamos tirá-la dele e... — Fang se deteve e olhou a Trace. —e meter-lhe em um lugar verdadeiramente desagradável.

O olhar de Fury não deixou o seu.

—Eu gostaria de meter-lhe pelo mesmo lugar pelo qual queria me colocar o atizador em brasa.

Angelia meneou a cabeça ante tal brutalidade.

—Todos vós sois conscientes de que me reter aqui é uma declaração de guerra.

Fury arqueou uma sobrancelha.

—O que me dizes?

—São lobos que estão retendo um membro da pátria.

Vane soprou.

—E eu sou o Regis de sua pátria. Ausente, é certo, mas sou o cabeça dos Lykos Arcadios Katalakis. E, como tal, estás sob meu comando. Declarar a guerra a Fury a sua manada requereria decreto meu, que nunca te darei.

—Assim, perdoas sua conduta?

—Pela primeira vez em nossa relação e por aterrador que pareça... sim. E como Regis quero saber que arma é essa que utilizaram com o leão. Se te negares a me responder isto acabarás em julgamento e acredito que já sabes o castigo que exigirão os membros Katagarios do conselho.

A vida. Mas não antes de ser brutalizada. Quando o Regis, especialmente o que governa sua pátria, pede-te algo, estás obrigado a dar-lhe.

Nunca tinha odiado a lei mais que neste momento.

—O chamamos de o Pulso.

Fury a olhou carrancudo.

—E que porra é isso?

—Envia pequenas cargas elétricas. Não tantas para fazer que mudem constantemente de forma, mas o bastante como para que nos apanhe em nossa forma básica.

Bride suspirou.

—Como o colar que levas.

Ela assentiu.

—Só que o Pulso é permanente.

Fang sacudiu a cabeça.

—Não pode ser. Se funciona com impulsos elétricos, tem que ter uma pilha.

—Utiliza a química corporal para recarregar-se.

Vane parecia doente ao pensar nisso.

—Se pode extrair?

—É muito pequena para que possa ver. Não há orifício de entrada e não há forma de encontrá-la uma vez que está dentro do corpo.

Fang assentiu.

—É o mesmo que disse Carson.

Bride fez uma careta de desgosto.

—Quem pôde inventar uma coisa assim?

—Uma pantera no 3062. —disse Angelia com um suspiro. —Agora as está vendendo ao melhor apostador.

—Por que? —perguntou Vane. —Não precisamos de tanto do dinheiro.

Fury lhe cravou um olhar raivoso.

—Estás pensando como um de nós, Vane. A pantera é Arcadiana. Pensa como humano por um momento. A avaréza é seu deus.

Angelia estava começando a entender as diferenças.

Vane olhou a Fury.

—Deverias levá-la para ver o leão ao Santuário. Lhe apresente a sua companheira que já não pode comunicar-se com ele. Ou melhor, lhe apresente aos seus filhos que já nunca poderão saber quanto lhes amava seu pai. Que nunca ouvirão o som de sua voz lhes dizendo quão orgulhoso está deles. Que nunca lhes advertirá do perigo. Na verdade, fizeram um grande trabalho. Não poderia me sentir mais orgulhoso de vossa brutalidade.

Angelia se negou a deixar-se intimidar. Sabia a verdade.

—Os animais não se comportam assim.

Fury se engasgou com a comida antes de lhe lançar um olhar envenenado.

—Claro. Nunca te hei dito algo assim, verdade? —levantou-se e limpou a boca. —Sabes o que? Fico doente ao te olhar. Lembro de uma menina que estava acostumada a ser capaz de preocupar-se com os outros. Que dava aos outros o benefício da dúvida antes de lhes atacar. Mas



obviamente, está morta. Quero-te fora daqui antes que termine de destroçar as poucas boas lembranças que conservo dessa menina.

Arrancou-lhe o colar do pescoço e saiu da sala.

Angelia permaneceu sentada, assombrada, incapaz de acreditar no que acabava de acontecer.

Era livre.

—Tio Furry? —Trace olhou a sua mãe. —Por que Furry com raiva, mami?

—Feriram seus sentimentos, mas ficará bem.

Vane procurou o olhar desconcertado de Angelia.

—És livre de partir. E te aviso. Os leões estão procurando sangue. O sujeito ao qual derrubaram... seu irmão é Paris Sebastienne e mataram ao seu irmão mais novo. Por regra geral, os animais não se centram muito na vingança, mas sim em proteger a suas famílias. Atacam-lhes sem mediar provocação e pretendem fazer uma carnificina convosco quando vos encontrem para evitar que façam o mesmo a mais membros de seu Pride. Sois sua presa. Boa sorte.

Angelia tragou com força cheia de pânico.

—Mas eu não disparei neles.

Fang deu de ombros despreocupadamente.

—São animais. Não lhes importa quem apertou o gatilho. Caçam pelo olfato e seu cheiro estava por todo Jack. Que tenhas uma boa vida, bombomzinho. Ao menos durante umas poucas horas.

Angelia soltou o fôlego trememente ante o mórbido prognóstico. Apesar do muito que lhe odiava, sabia que tinha razão. Não chegaria muito longe e o certo era que não podia fazer nada. Era parte de tudo isto. Voluntariamente.

Não havia forma de mudar o passado. Como não havia forma de evitar que os leões a matassem. Não se atenderiam a razões e, certamente, se alguém tivesse feito algo assim aos seus entes queridos, tampouco o teria perdoado. Isto era o que merecia por formar parte do brilhante plano de Dare. Lutaria, mas não fugiria. Não estava em sua natureza. Se esse era seu destino, confrontaria-o com dignidade.

Mas não queria morrer sem ao menos, dizer a uma pessoa que o sentia.

Desculpando-se, desapareceu da mesa até o quarto de Fury.

O que encontrou ali a deixou completamente pasma.

Fury estava em pé ante o aparador sustentando o medalhão que lhe tinha dado quando alcançou a puberdade aos vinte e sete anos.

—Para que é isto? —tinha-lhe perguntado quando o entregou.

—Agora és um homem, Fury. Deves ter algo que te recorde este momento.

Não lhe havia custado muito caro nem era particularmente bonito. Só era um círculo pequeno com um X. E ainda assim o tinha conservado todos estes séculos.

Inclusive embora lhe tinha traído.

Fez uma bola com o pingente no punho e a olhou.

—Por que estás aqui?

A verdade é que não estava segura. Não, não era certo, sabia perfeitamente por que tinha vindo.

—Não podia partir sem antes te dizer uma coisa.

Respondeu-a com tom seco e quebrado.

—Que me odeias. Que cheiro mal. Que sou um animal indigno de respirar o mesmo ar que tu.

Deixou cair o pingente na gaveta de cima e a fechou.

—Já sei a ladainha. Venho a escutando toda minha vida. Assim, vá embora.

—Não. —disse ela e a voz lhe quebrou com o peso do medo e da culpa. —Não é isso o que queria te dizer.

Sem estar segura de sua reação, aproximou-se lentamente como o faria com um animal ferido. Pôs sua mão sobre a que ele tinha fechado em um punho.

—Sinto muito, Fury. Deu-me tua amizade e tua lealdade e enquanto que deveria as haver entesourado, voltei-te as costas. Não tenho desculpa. Poderia te dizer que estava assustada, mas não deveria ter estado assustada de ti.

Fury olhou sua mão na dele. Toda sua vida lhe tinham rechaçado. Quando deixou a pátria de sua mãe não se aproximou de ninguém por medo de que lhe fizessem mal de novo. Por causa de sua inexperiência com seus poderes, sempre se havia sentido incômodo com os quais lhe rodeavam.

A única pessoa que lhe tinha feito sentir-se como o homem que desejava ser tinha sido...

Ela.

—Apunhalou-me.

—Não, —disse ela apertando o agarrão por sua mão. —Apunhalei uma lembrança dolorosa. Conhece-me, Fury, mas o que não sabes é que nunca em minha vida me transformei em um lobo. Embora seja uma parte de mim, é uma parte que nunca fui capaz de aceitar. Vivi toda minha vida tentando silenciar um pesadelo que nunca descansa. Fomos amigos, tu e eu. E nem uma vez desde que me deixaste encontrei ninguém que me faça sentir como me fazias sentir. Aos teus olhos, sempre fui bonita.

Ele lhe buscou o olhar e a dor em seus olhos a abrasou.

—E aos teus olhos sempre fui um monstro.

—Um monstro chamado Furry?

Ele afastou a mão das suas.

—Ainda não sabes pronunciar meu nome.

—Não, mas tu respondes a ele e protegeste à mulher que te feriu duas vezes.

—E o que? Sou um estúpido imbecil.

Ela estendeu a mão e lhe tocou o rosto.

—Nunca foste um estúpido.

Voltou o rosto.

—Não me toques. Já é bastante difícil lutar contra teu cheiro. Depois de tudo, só sou um animal e tu estás no céu.

Sim, estava e quanto mais perto dele estava mais queria sua parte mais básica estar com ele. Cada hormônio de seu corpo estava em chamas e sua vontade estava fraquejando.

Ou só o estava usando como desculpa? A verdade era que, até sem o céu, tinha passado horas pensando nele de noite, lhe recordando. Recordando seu cheiro e sua amabilidade. Perguntando-se o que teria acontecido se tivesse sido um Arcadiano e se tivesse ficado com ela.

Em todos estes séculos, tinha sido seu único amigo e sentia falta dele terrivelmente.

Tragando seu medo, forçou a lhe dizer o que de verdade queria.

—Me sacie, Fury.

Ele piscou antes suas palavras.

—O que?

—Desejo-te.

Moveu a cabeça e lhe lançou um olhar mordaz.

—São seus hormônios os que falam. Não me desejas. Só necessitas que transem contigo.

—Estou numa casa cheia de homens escada abaixo entre os quais poderia escolher. Ou poderia ir para casa e escolher algum. Mas não os quero.

Ele afastou-se dela.

Ela lhe seguiu e enroscou os braços em sua cintura.

—Teu irmão me disse que os leões estão nos perseguindo. Não tenho nenhuma dúvida de que me encontrarão e me matarão. Mas antes de morrer quero fazer a única coisa com a qual estava costumada a sonhar.

—E isso é?

—Contigo. Por que achas que enquanto tu estavas na pátria nunca escolhi um macho com o qual me deitar depois que alcancei meu ciclo?

—Supus que pensavas que eram coxos.

Ela sorriu ante seu insulto. Era tão clássico de Fury.

—Não. Estava te esperando. Quero que sejas o primeiro para mim.

Ela arrastou sua mão baixando-a para lhe cobrir.

Fury aspirou com força. Era tão difícil pensar enquanto lhe acariciava. Difícil recordar porque queria deixá-la.

—Fica comigo esta única vez. —Ela lhe lambeu o lóbulo da orelha.

Calafrios lhe percorreram ao longo do corpo enquanto o lobo nele uivava de prazer. Em completa honestidade, ele nunca tinha tomado muitas amantes. Principalmente por causa da mulher cuja mão estava esfregando seu pênis através dos jeans. Como podia confiar em alguém depois da maneira em que lhe tinha traído?

Ele sempre tinha evitado as outras wolfswans. Quando elas estavam no céu, ele tinha se retirado até que a mulher tinha reclamado outro lobo.

Era fácil dessa maneira. Não gostava das emoções humanas, e não gostava de nenhum tipo de intimidade. Isto o deixava muito vulnerável. Deixava-o aberto às feridas e ele não queria ser ferido.

Ele deveria afastar-se dela e esquecer o bem que se sentia ao ser segurado. Estava a ponto de fazer justo isso quando lhe rodeou com os braços e lhe deu a única coisa que não tinha tido de nenhum outro à exceção de seu sobrinho.

Um abraço.

—Tens alguém que te abrace?

Essa pergunta destroçou sua última resistência.

—Não.

Ela o rodeou e ficou nas pontas dos pés para alcançar seus lábios. Fury vacilou. Os lobos não se beijavam quando estavam emparelhados. Essa era uma ação humana e era uma que nunca tinha experimentado.

Mas quando seus lábios tocaram os seus, ele se deu conta do por que isto significava tanto para os humanos. A suavidade de sua respiração fez cócegas em sua pele. De sua misturada respiração enquanto sua língua separava seus lábios para lhe saborear. Isso era algo que o lobo nele entendia.

Grunhindo, a atraiu aos seus braços, saboreando-a profundamente.

Angelia gemeu ante a gentil ferocidade de seu beijo. Ele colheu sua cara em suas mãos enquanto explorava cada polegada de sua boca. Parte dela não podia acreditar que estivesse tocando um lobo.

Mas este é Fury... seu Fury. Inclusive, embora eles não escolhiam aos seus companheiros, ele era o único homem ao qual tinha entregue seu coração, inclusive quando só era uma menina. "Sempre serás meu melhor amigo, Fury e um dia quando crescermos lutaremos juntos. Tu me protegerás as costas e eu protegerei as tuas". Quão inocente tinha sido essa promessa.

E quão difícil de manter.

Fury se retirou do beijo para baixar o olhar a ela com esses olhos que a abrasavam com sua dor e incerteza. Ela estava assustada. Podia cheirá-lo. É só que não sabia o que era que a assustava.

—Tu sabes o que sou, Lia. Estás a ponto de te deitar com um animal. Estás pronta para isso?

Deitar-se... isso era jargão Katagaria e repugnante para os Arcadianos.

Angelia riscou a linha de seus lábios.

—Se esta for minha última noite de vida. Quero estar contigo, Fury. Se os destinos não tivessem sido cruéis conosco e lhe convertessem em um animal quando chegou à puberdade, teríamos feito isto há séculos. Sei exatamente o que és e te amo apesar disso. —Ela alisou o cenho zangado de sua testa—. Mais que tudo, te amo pelo que és.

Fury não podia respirar quando ouviu as palavras que ele nunca pensou em ouvir saindo dos lábios de alguém. Amor. O que significava isso para ela?

—Morrerias por mim, Lia?

Essea foi sua vez de franzir o cenho.

—Por que me perguntas isso?

—Porque eu morreria para te manter a salvo. Isso é amor para mim. Quero me assegurar que desta vez ambos entendemos os termos. Porque se te amar é me estaquear e deixar morrer, então podes consegui-lo.

Ela irrompeu em um soluço ante as suaves palavras sentidas de coração.

—Não, bebê. Isso não é amor. Isso é ser estúpida, e te juro que se pudesse voltar e mudar esse momento, ficaria ali e lutaria por ti... assim como te prometi que o faria. Fechando os olhos, ela esfregou seu rosto contra sua bochecha, acariciando sua pele com suas costeletas. Angelia sorriu ante a pura ação lobuna. Ele a estava marcando como sua. Mesclando suas essências. E honestamente, ela queria seu cheiro sobre sua pele. Era tão quente e masculino. Puro Fury.

Ele deu um passo atrás e lhe tirou a camiseta pela cabeça. Seus olhos brilhando, correu suas mãos sobre seu sutiã, massageando-a brandamente. Ela sorriu ante sua vacilação.

—Não te morderão.

Um lento sorriso curvou seus lábios.

—Não, mas sua dona possivelmente sim.

Rindo, ela mordiscou seu queixo enquanto se estirava para abrir seu sutiã.

Fury ofegou com força quando ela atirou o sutiã ao chão. Sobre o pequeno tronco, seus seios eram ainda a coisa mais bonita que ele tinha visto. O sangue zumbindo em seus ouvidos, ele baixou a cabeça para saboreá-la.

Angelia se encolheu ante a maneira em que sua língua acariciava seu mamilo. Ele a lambia e sugava de uma maneira em que realmente gozaria por isso uns poucos momentos depois. Gemendo, deixou que lhe dobrassem os joelhos devido à ferocidade de seu orgasmo. Fury a sustentou levantando-a em seus braços e a sustentou perto enquanto a levava para cama.

—Como o fazes? —perguntou ela sem respiração—. Nem sequer sabia que isso pudesse causar isto.

Ele fez um profundo ronroneio em sua garganta que era puramente animal quando a deitou sobre o colchão. Ele baixou a cabeça para lambê-la através de seus seios enquanto lhe desabotoava as calças.

—Sou um lobo, Lia. Lamber e saborear é nossa marca. —Ele deslizou suas calças e calcinhas baixando-as por suas longas pernas antes de tirá-las e seus sapatos.

Seu coração martelando, ela esperou que ele voltasse para ela.

Ele tirou a camiseta pela cabeça, mostrando um corpo que era perfeito apesar das cicatrizes e das feridas que marcavam a profundamente bronzeada pele. Inclinando a cabeça, observou-a.

—Por que estás vacilando?

—Não estou vacilando.

—Sim, estás vacilando. Possivelmente seja um lobo, mas sei o que fazem as wolfswan arcadianas quando tomam um amante pela primeira vez. Estás me rechaçando?

—Nunca. —Enfatizou ela.

—Então por que não me estás dando a bem-vinda?

—Temo que isto te insulte. Não sei o que fazem os Katagaria. Deveria me dar a volta?

A raiva obscureceu seus olhos.

—Queres ser fodida por um animal ou amada por um homem?

Ela suspirou em frustração. Não importava o que ela fizesse, sempre lhe zangava.

—Eu quero estar com Fury como sua amante.

Fury saboreou essas palavras.

—Então me mostre como seria com qualquer amante.

Seu sorriso o esquentou completamente quando ela separou as pernas. Seu olhar nunca vacilou do seu quando ela se estirou para baixo para abrir cuidadosamente as dobras de seu corpo e manter a si mesma aberta para ele de modo que pudesse ver exatamente quão molhada estava por ele. Quão preparada e ofegante estava.

Os costumes Arcadianos ditavam que ele entrasse nela enquanto ela fazia isto. Eles deveriam emparelhar-se cara a cara sem nem saboreá-la.

Mas isso não é o que ele queria. Tirando as calças, ele subiu à cama entre suas pernas. Angelia tremeu, esperando que ele entrasse nela com uma poderosa investida. Em vez disso, lhe lambeu os dedos, lambendo seus sucos deles. Seu olhar sobre o dela, ele sustentou sua mão nas suas antes que a tomasse na boca.

Arqueando as costas, ela gemeu ante o bem que se sentia. Sua língua girando ao redor dela, cavando profundamente dentro de seu corpo. Sua cabeça se agitou pelo intenso prazer que continuava incrementando-se mais e mais, até que ela temeu que explodiria por isso. Incapaz de conter-se, enterrou a mão em seu cabelo enquanto ele continuava lhe dando prazer.

E quando ela gozou outra vez, ele permaneceu ali, retorcendo cada simples orgasmo que saía dela até que choraria do doce êxtase.

Fury estava palpitando da dor, seu pênis doía por possuí-la. Entre os de sua espécie, a fêmea devia estar completamente saciada. Se não, ela tomaria outro amante depois dele. Era um sinal de debilidade que outra fêmea tivesse que chamar a outro macho para satisfazê-la e embora ele não tinha tomado muitas amantes, nunca tinha tido a nenhuma que chamasse por um segundo. Não havia maneira de que fora a permitir que Angelia fosse a primeira.

Sentando-se sobre os calcanhares, estendeu-lhe a mão.

Ela se surpreendeu e franziu o cenho.

—Acontece algo ruim?

Ele puxou-a até que esteve sentada na cama.

—Não. Tu querias saber como um lobo toma a uma mulher...— ele a moveu aos pés da cama onde pôs suas mãos sobre o travesseiro forrado.

Angelia não estava segura sobre isto.

—O que estás fazendo?

Ele a beijou apaixonadamente antes que indicasse a penteadeira com um golpe da cabeça.

—Olhe no espelho.

Ela o fez e viu quando se movia rodeando-a a suas costas. Ao momento estava ali, levantou-a de modo que estivessem ajoelhados na cama com seu peito pressionando as costas dela. Acariciou-lhe o cabelo afastando-o de seu pescoço de modo que pudesse lambê-la. Abrigando-a em seus braços, acariciou-a com o nariz e lhe respirou ao ouvido.

Seus músculos se flexionaram ao seu redor quando colheu seus seios em suas mãos. Lhe separou as pernas, então afundou sua mão para acariciar suas suaves dobras.

Angelia observou seu jogo, em transe por isso. Como podia alguém tão feroz e perigoso ser tão gentil? Quando ela esteve úmida e necessitada outra vez, o elevou a cabeça para encontrar seu olhar no espelho. Com seus olhares enlaçados, ele se deslizou profundamente em seu interior. Ela ofegou ante a grossura e sua longitude ali. Mordendo o lábio, ele empurrou contra seus quadris, afundando-se inclusive mais profundo, enquanto sua mão continuava acariciando-a. Ela sentiu surgir seus poderes. O sexo sempre fazia mais poderosos aos de sua espécie. Fortes. Mas ela nunca havia sentido algo assim. Era como se ele a estivesse alimentando de uma fonte de poder primária.

Fury enterrou o rosto contra sua nuca quando seus sentidos giravam do bem que sentia. Não havia nada mais doce que a sensação de seu corpo rodeando o seu. Se ela fosse uma loba, estaria se revelando agora, lhe exigindo que a montasse mais rápido e forte.

Pelo contrário, lhe deixou tomar seu tempo e saborear sua suavidade. Saborear a beleza da intimidade. Este era um lado do mesmo que não tinha compartilhado com nenhuma fêmea. E no profundo de seu coração sabia o por que.

Porque elas não tinham sido sua Lia. Quantas vezes tinha fechado os olhos e tinha pretendido que era Lia quem o abraçava? Imaginar-se que era ela a quem cheirava. Agora não tinha que imaginá-lo. Ela estava ali e era sua.

—Diga meu nome, Lia. —sussurrou-lhe ao ouvido.

Ela franziu o cenho.

—O que?

Ele se afundou profundamente em seu interior e se deteve a olhá-la no espelho.

—Quero ouvir meu nome em seus lábios enquanto estou dentro de ti. Me olhe dessa maneira e me diga de novo que me amas.

Angelia chorou pelo prazer quando ele se introduziu nela outra vez.

—Te amo, Fury.

Ela podia lhe sentir fazendo-se maior em seu interior. Isto era algo que todos os machos de sua espécie faziam. Quanto mais prazer sentiam, maiores se faziam. A grossa plenitude fazia com que seus poderes aumentassem ainda mais. Arqueando as costas, ela se estirou por cima de sua cabeça para lhe cobrir a bochecha.

Ele acelerou seus embates enquanto sua mão continuava acariciando-a. Agora havia ferocidade em suas carícias. Uma que era tanto demandante como possessiva. Ela sempre tinha ouvido o termo de ser tomada por um amante, mas esta era a primeira vez que o experimentava.

E desta vez quando gozou, realmente uivou pelo escarpado êxtase disso.

Fury apertou os dentes ante o som de seu orgasmo. Ante a sensação de seu corpo contraindo-se contra o seu. Isto disparou seus poderes, arqueando-se até que causaram que o abajur sobre a mesinha de noite estalasse. De todos os modos ele a agradou, querendo espremer até o último suspiro e murmúrio dela.

Foi só depois que ela voltasse a gozar contra ele que se permitiu gozar também. Grunhiu ante o repentino ardor quando se libertou explodindo e finalmente sentiu seu próprio alívio. Angelia sorriu ante a vista de Fury no espelho quando enterrou a cabeça contra seu ombro e tremeu. Seus ofegos se mesclavam com os dela enquanto ele a sustentava em seus braços e a mantinha ali. Ao contrário dos humanos comuns, eles deveriam estar unidos até que seu orgasmo acabasse... o que deveria levar vários minutos. Normalmente, um macho Arcadino cairia contra ela e esperaria para terminar. Em vez disso, Fury tomou o impacto de seu peso enquanto fuçava o pescoço e a sustentava perto.

—Te machuco?

—Não.

Ele apoiou a bochecha contra a dela e a balançou gentilmente. Angelia sorriu, pousando a mão em sua bochecha. Em toda sua vida nunca tinha experimentado um momento mais terno.

E pensar que o tinha descoberto nos braços de um animal. Era inconcebível.

Eles se mantiveram assim até que ele finalmente esteve o bastante brando para sair sem machucá-la. Angelia caiu de costas na cama.

Fury se deitou ao seu lado de modo que pudesse contemplar seu corpo nu.

—És tão bonita. —ele riscou as marcas de Sentinela no rosto dela.

—Apostaria a que nunca pensaste que te atarias com uma Arcadiana.

—Fiz-o até que me converti em um lobo.

Ela afastou o olhar ante sua embotada verdade.

—Por que me ocultaste esse segredo?

Ele riu amargamente.

—Oh, gee, não posso nem imaginá-lo. Possivelmente porque temia que te assustaste e me odiasse. Era um pensamento ridículo, hum?

Ruborizando-se, ela afastou o olhar, envergonhada do fato de que ele tivera razão a respeito dela e não o houvesse dito.

—Sinto-o por isso.

—Está bem. Tu não és a única que tentou me matar.

Não, todo seu clã completo, incluindo a sua mãe, irmãos e avô haviam tentado lhe matar. E ainda assim as tinha dado um jeito para sobreviver.

—Teu pai te deu a bem-vinda?



—Nunca lhe dei oportunidade de me rechaçar. Encontrei sua manada e quando vi o pouco respeito que tinha por Vane e Fang, decidi me manter à margem e não lhe dizer que era seu filho. Suponho que uma experiência próxima à morte na mão de um pai é suficiente para qualquer um. —Ele riscou círculos ao redor de seus seios—, Tu jamais mudaste de forma?

—Por que deveria?

Ele se deteve para contemplá-la.

—Acredito que deverias.

—Por que?

—É parte de quem e do que és.

E que havia com isso?

—Essa não é uma parte que tenha que aceitar ou gostar.

—Sim, é.

Ela se esticou ante seu tom.

—O que estás dizendo?

—Estou te dizendo que ou te transformas em um lobo, ou vou te sacudir e o farás.

Ela ofegou ante sua ameaça.

—Não te atreverias.

—Me ponha a prova.

Horrorizada, ela se sentou.

—Isso não é divertido, Fury. Não quero ser um lobo.

Seus olhos turquesa eram implacáveis.

—Durante um minuto, me agrada. Precisas saber o que é que caças, e o que é que odeias.

—Por que?

—Porque isto é o que sou e quero que me entendas.

Ela queria lhe dizer que fizesse isso a um lado. Entendia-lhe, mas antes que pudesse dizê-lo, deteve-se. Ele tinha razão. Como podia entender o que ele era quando nunca o tinha experimentado por si mesma? Se era importante para ele, então o faria.

—Então só por ti, e só por um minuto.

Ele inclinou a cabeça e esperou.

E esperou.

Quando passaram três minutos inteiros e ela era ainda humana, arqueou uma sobrancelha ante ela.

—E então?

—Certo. Estou-o fazendo —lhe olhando, ela cintilou a sua forma de lobo.

Fury sorriu ante a visão dela sobre sua cama. Marrom escuro com negro e vermelho, era tão bonita nesta forma como o era na humana. Passou a mão através de sua pelagem.

—Vê, não é tão ruim, não?

*Podes me entender?*

—É obvio que posso. Do mesmo modo que tu podes me entender. Agora olhe ao redor do quarto. Vê quão diferentes se vêem as coisas. Quão mais agudos são os sons e os cheiros.

Ela elevou o olhar para ele.

—Ainda és humana, Lia. Inclusive como lobo. Mantém toda tua essência nesta forma.

Ela cintilou de novo a si mesma.

—Tu...

—Sim. O que somos em uma forma, somos na outra. Nada muda.

Angelia se sentou pensando nisso. Ela tinha suposto que como lobo se converteriam em animais sem nenhum pensamento... mas essa não era a verdade. Ela mantinha todo seu raciocínio. A única diferença tinha sido o incremento nos sentidos.

A gratidão a arrasou, e quando foi beijar-lhe, uma aguda dor lhe atravessou a palma. Ofegando, voltou a sentar-se, sacudindo-a para aliviar a dor.

Fury amaldiçoou antes de levantar a mão e abaná-la no ar. Quando o fez, o padrão geométrico de sua manada apareceu em sua palma.

Era idêntica a dela.

Merda Santa...

—Somos companheiros? —ofegou Angelia.

Fury a olhou com incredulidade.

—Como?

Ela continuou contemplando sua palma. Em seu mundo, os Destinos decidiam com quem deveriam emparelhar-se desde seu nascimento. A única maneira de encontrar ao companheiro era deitar-se com ele e se era o que tinha que ser, teriam as marcas de emparelhamento.

Essas marcas só deveriam aparecer durante três semanas, e se a mulher não aceitava ao seu companheiro nesse tempo, ela seria livre para viver sua vida sem ele. Mas nunca poderia ter filhos com ninguém mais.

O macho caía no celibato até o dia em que ela morrera. Uma vez emparelhados, ele somente poderia deitar-se com sua esposa. Nunca seria capaz de ter uma ereção com ninguém mais.

—Escolheram-nos —ela colocou sua palma com a dele e sorriu—. Tu és meu companheiro.

Fury estava tendo um duro momento com isto. Ele sempre se perguntou que se sentiria ao estar emparelhado. O Dark-Hunter Acheron lhe havia dito que ele já tinha conhecido a sua companheira, mas não tinha acreditado nele realmente.

Tinha que ser a mulher que sempre tinha amado...

Isto só não acontecia assim.

Ele olhou a Angelia, o coração acelerado.

—Me aceitarás?

Ela pôs os olhos em branco.

—Não. Estou aqui nua contigo porque todas minhas roupas voaram por acidente e não posso encontrá-las.

—Estás sendo um pouquinho sarcástica, não?

—Aprendi-o de ti.

Rindo, Fury se aproximou para beijá-la, mas antes que pudesse fazer contato com seus lábios, explodiu um brilhante flash. Ele se voltou e bufou quando quatro leões apareceram em seu dormitório.

Suas expressões eram furiosas quando lhe lançaram algo.

Ele o agarrou e depois fez uma careta antes de atirar a mutilada cabeça do chacal ao chão.

—Que infernos é isto?

—Sou Paris Sebastienne —disse o leão mais alto—, e estou aqui para matar a puta que assassinou e acabou com meus irmãos.

## CAPÍTULO 5

Angelia utilizou seus poderes para vesti-los enquanto preparava a si mesma para que Fury a lançasse aos Litarianos para seu jantar.

Em vez disso, ele se levantou da cama com um aura tão mortal que lhe deu calafrios.

—Não sei o que achas que estás fazendo aqui trepador de árvores, mas não és bem-vindo na casa de meu irmão com essa atitude e esse tom. —Ele baixou o olhar à cabeça sobre o chão—. E condenadamente seguro que não atirarás o lixo na presença de minha companheira.

—Rastreamos seu perfume até aqui.

Fury lhe dedicou um sinistro sorriso.

—E a cheiraste em meu quarto?

Um dos leões se moveu para agarrar a Fury. Mais rápido do que ela pudesse piscar, ele se separou do leão e então o estampou contra a parede. Com força.

—Realmente não queres me provocar. —Grunhiu Fury, estampando sua cabeça na parede—. Não sou uma gazela na savana, imbecil. Terei sua garganta mais rápido do que conseguiu a cabeça do chacal.

Deu um passo para Paris.

—Nós somos quatro e você um.

—Dois, —corrigiu Angelia, lhe cortando desde o Fury—, e a única coisa mais mortal que um lobo é sua companheira quando ele é ameaçado.

Paris se aproximou dela. Ele observou o ar ao seu redor enquanto a olhava atentamente.

—É ela? —perguntou um dos outros leões.

—Não, —disse ele com desgosto—. Perdemos o cheiro.

Ele se voltou para Fury.

—Isto não acabou, Lobo. Não nos deteremos até estarmos satisfeitos. Se encontro a puta responsável, darei um banquete com suas vísceras.

Fury empurrou o leão que sustentava a Paris.

—Não são bem-vindos aqui. Seriamente. Saiam.

Paris deixou escapar um feroz grunhido antes de que se desvanecessem.

—E leve tua asquerosa cabeça de troféu contigo —grunhiu Fury quando a lançou ao portal com eles de modo que fosse aonde quisesse que fossem eles.

Angelia deixou escapar um lento suspiro de alívio.

—O que aconteceu? Como é que não captaram meu cheiro?

Fury deu de ombros.

—O único poder que desenvolvi é a habilidade de mascarar minha essência. Desde que agora sou parte de ti, fui capaz de mascarar a tua também.

—Isso é pelo qual não cheira como um Katagari!

Ele inclinou a cabeça ante ela em uma sarcástica saudação.

Mas isso trouxe outra pergunta a sua mente.

—Como é que Dare descobriu a respeito de sua forma base se ele não pode te cheirar?

Fury afastou o olhar quando a dor o atravessou. Até este dia, a traição daquilo lhe rasgava a alma.

Angelia posou sua mão sobre sua bochecha onde ele tinha apertado com força os dentes.

—Diga-me.

Ele não sabia por que confiava nela quando ia contra sua natureza. Mas antes que pudesse deter-se, a verdade prorrompeu.

—Fomos atacados no bosque por um grupo de mercenários humanos. Eles dispararam uma flecha. Dare não a tinha visto, mas eu sim. Empurrei-o afastando-o do caminho e a recebi por ele.

Ela se estremeceu quando entendeu o que tinha acontecido.

—A dor te fez mudar de forma.

Fury assentiu.

—Ele soube logo que caí ao chão. Tentei detê-lo antes que alcançasse o povoado, mas ao tempo em que cheguei ali, minha mãe já tinha sido alertada.

Ela recordava o resto com incrível clareza. Tinha ouvido a gritaria e tinha ido ao vestíbulo principal onde todos eles se reuniram. Fury tinha estado sangrando, mas ainda estava em forma humana.

Dare o tinha empurrado a sua mãe.

—É um fodido Lobo, Mamãe. Olhe-o.

Bryani tinha agarrado a Fury pelo cabelo.

—Me diga a verdade. És Katagari?

O olhar de Fury tinha ido ao de Angelia. A dor, a vergonha e a tortura tinham brilhado profundamente em seus olhos. Mas era o olhar suplicante que havia ali o qual lhe tinha roubado o coração. Ele tinha estado lhe rogando em silêncio que ficasse com ele.

—Me responda! —exigiu sua mãe.

—Sou um lobo.

Eles haviam se voltado sobre ele com uma vingança tão feroz que descobriu que era difícil de acreditar que ela tivesse tomado parte nisso. Mas ali, nesse momento...

Foi uma completa estúpida.

—Confiarás em minha outra vez? —perguntou-lhe.

Ele tomou sua palma marcada em suas mãos.

—Tenho outra opção?

—Sim, tens. Isto só quer dizer que poderei levar aos teus filhos. Não tem nada a ver com nossos corações.

Fury suspirou. Não, não o tinha. Seus pais odiaram um ao outro. Inclusive agora tudo o que queriam era planejar cada um a morte do outro.

—Se podes deixar de um lado seu ódio pelos de minha espécie, estou disposto a esquecer o passado.

Angelia olhou ao redor do quarto.

—Terei que viver aqui em sua época, não?

—Realmente achas que podes voltar para casa levando a marca de um Katagari?

Ele tinha razão. Eles a destruiriam.

Fury se afastou dela.

—Tens três semanas para decidir se podes viver comigo.

—Não necessito de três semanas, Fury. Estou de acordo em ficar contigo, e assim o farei. Inclusive me vincularei contigo.

A raiva brilhou em seus olhos ante a sugestão.

—Não, não o farás. Tenho muitos inimigos que me querem mortos. Não vincularei tua força vital à minha. É muito perigoso.

Ela riu.

—Tu tens inimigos? E que se supõe que é esse grupo de leões que acaba de partir? Atrás de quem vão? —Ela colheu seu rosto nas mãos—. Tu e eu já deveríamos ter tido uma vida juntos. Permiti que minha estupidez nos roubasse quatrocentos anos. Não quero perder outro minuto sem estar contigo.

—Não sentias isso há vinte e quatro horas.

—Tens razão. Mas tu me abriste os olhos. O que Dare está tentando fazer está errado. Não posso acreditar que eu tenha arruinado a vida desse pobre leão. Deus, como desejaria poder retornar e empurrar a Dare quando ele disparou a arma de modo que houvesse falhado.

O rosto de Fury empalideceu.

—Dare matou a um leão desarmado?

—Não, esse foi o chacal. Dare disparou ao que viveu.

—E tua parte em tudo isto?

—A estúpida observadora que pensou que ia fazer do mundo um lugar seguro para outras meninas de modo que não tivessem que ver como comiam a sua família. Não me dei conta de que estava lutando com os monstros e não contra eles.

Fury suspirou.

—Dare não é um monstro. Ele é só um inseguro imbecil que quer que sua mãe o ame.

—E o que acontece contigo?

—Eu fui um inseguro imbecil que sabia que nunca poderia aproximar-se muito de sua mãe por temor que ela cheirasse o lobo nele e o matasse.

Ela o atraiu aos seus braços e o beijou nos lábios.

—Te emparelhe comigo, Fury.

—És uma coisinha mandona, não?

—Só quando há algo que quero —ela olhou à cama—Não deveríamos nos despir?

Ele pôs suas mãos sobre seus braços e a fez retroceder.

—Primeiro temos que solucionar isto. Quero me assegurar que estás te emparelhando comigo por escolha e não por medo.

—Achas que sou o bastante acanhada para não conhecer a diferença?  
—Eu sou o único que esteve seguro de seus motivos.  
Porque ele ainda não confiava nela. O triste era que, não podia lhe culpar.  
—Muito bem então. Como fazemos para acabar com isto?  
—Acredito que tenho uma idéia.

Angelia se sentou escada abaixo com Fang farejando sua mão.

—Não é de se estranhar que estivesse agindo tão estranho. O bastardo se há emparelhado.

—Fang! —estalou Bride—. Deixe a pobre mulher sozinha, ou ao menos felicite-a.

—Sobre o que? Ser amarrado a Fury parece igual a um pesadelo.

Houve um tempo no qual a Angelia teria estado de acordo. Estranho que não o fizesse.

—Teu irmão é um maravilhoso lobo.

Bride sorriu aprovadamente.

—Assim, onde está o adorável lobo, de todas as formas?

—Disse que ia ver um amigo para lhe falar a respeito dos leões que perderam meu rastro.

A cara de Fang empalideceu.

—O que? —perguntou Angelia, assustada imediatamente por sua reação.

—Fury não tem amigos.

Por que lhe tinha mentido? Queridos deuses, o que estava fazendo?

—Onde está?

A pergunta logo que abandonou seus lábios antes que Vane aparecesse. Ele a olhou antes de voltar-se para Fang.

—Necessito-te no Omegrion. Agora.

Fang franziu o cenho.

—O que está acontecendo?

—Fury converteu a si mesmo no único que se encarregou ao leão.

Angélia ficou em pé.

—O que?!

—Já me ouviste! Estúpido idiota. Fui convocado por Savitar que me pediu que trouxesse alguma testemunha que possa atestar em sua inocência.

Fang amaldiçoou.

—Onde estava ele quando aconteceu isto?

—Não sei.

Fang ficou em pé.

—Vamos.

Eles se dispuseram a partir.

—Não se esqueçam de mim. —Angelia se moveu para ficar ante Vane.

Vane vacilou.

Fang lhe dedicou um estranho olhar.

—Ela é sua companheira, V. Deixe-a vir.

Assentindo, ele a levou com eles à ilha de Savitar e entrou na câmara onde o Omegrion se reunia e decidia as leis que governavam a todos os licántropos. Toda sua vida, Angelia tinha ouvido histórias a respeito desse lugar. Nunca tinha pensado que o veria.

Aqui os Regis, um representante de cada ramo Katagaria e Arcadiano, encontravam-se. Para ela era assombroso que não lutassem. Mas claro, isso era por que Savitar estava lá.

Mais parecido a um árbitro, Savitar sustentava o destino final de todos eles em suas mãos. O único problema era que ninguém sabia realmente o que era Savitar. Ou inclusive de onde tinha vindo.

—Onde está Fury? —perguntou Vane.

—Não sei.

—Estão todos os membros aqui?

Ele examinou o grupo.

—Todos exceto Fury.

Andes que ela pudesse fazer outra pergunta, sentiu uma ruptura de poder por trás de si. Voltando-se, encontrou um incrivelmente maravilhoso homem ali. Ao menos de 2.7 metros, tinha o cabelo comprido escuro e barba de bode. Vestido em roupas de surfe, olhou-a com desconfiança.

—Tens tua testemunha, Lobo? —perguntou ao Vane.

—Tenho.

—Então procedamos. —Ele caminhou passando a mesa redonda onde se sentavam os membros do Omegrion ao trono que estava posto a parte.

—Savitar? —perguntou Vane.

Ele assentiu.

Diabos. Ele era aterrador.

Savitar deixou escapar um comprido, exasperado suspiro.

—Sei que todo mundo que está aqui quer ir aonde quer que seja. Acreditem em mim. Eu também. Mas para aqueles de vós que acheis vivido sob uma rocha...—ele olhou ao Regis Falcão Arcadio e vacilou—, de acordo, alguns de vós os fazem, o qual é pelo que tenho que explicá-lo. Parece que alguns de nossos bons Arcadianos hão criado e agora utilizado uma arma que pode lhes tirar suas habilidades sobrenaturais e lhes encerrar em sua forma base.

Vários membros ofegaram com força.

Savitar assentiu.

—Yeah. Cheira mal. Há dois dias, um par de bastardos decidiu ir caçar. Eu tenho a cabeça de duas das quatro pessoas responsáveis —ele indicou ao leão a sua esquerda—. A família da vítima quer os outros dois. Mortos. Mas torturados primeiro. Posso respeitar isso.

—Vamos caçar? —perguntou Nicolette Peltier.

—Não. Parece que um desses responsáveis decidiu entregar-se. Ele clama que assassinou aos quatro membros e não quer fugir.

—Onde está? —exigiu o irmão de Paris.



—Espere sua vez, Leão, ou levarei as conchas de teus olhos como adorno.

O leão se calou imediatamente.

Savitar estalou os dedos, e Fury apareceu encadeado ante seu trono.

Angelia começou a avançar para ele, só para que Vane a detivera.

Fury resmungou duplamente quando a viu.

—Demônios, Vane, disse-te que não...—uma mordança apareceu sobre seu rosto.

Savitar o fulminou com o olhar.

—A próxima pessoa ou animal que me interrompa será estripado.

O olhar de Fury estava ancorado no dela. *Não fales*, projetou-lhe ele. *Podes voltar para casa e ter tua vida de volta.*

Estava louco?

Esse pensamento morreu quando viu Dare aparecer perto de Fury.

Savitar olhou a Dare com desprezo.

—Temos uma testemunha que jura que viu Fury no ato. Desde que isso confirma o que disse Fury, suponho que sua votação sobre seu destino será mais fácil. A menos que alguém na sala tenha algo a acrescentar.

Sasha deu um passo adiante.

—Fury não o fez. Ele está protegendo a alguém. Conheço-lhe. Possivelmente eu não goste de seu traseiro, mas sei que ele é inocente. Eu estava no Santuário quando ele viu o leão e não sabia nada a respeito disto.

—É verdade —disse Nicolette Peltier— eu também o vi. Disse-me que encontraria aos responsáveis e os faria pagar.

Savitar esfregou a mandíbula.

—Interessante, não? O que tens que dizer a isso, Fury?

A mordança desapareceu.

—Eles não são imparciais.

Savitar sacudiu a cabeça.

—Alguém mais é imparcial?

As lágrimas picavam os olhos de Angelia ante o sacrifício que Fury estava fazendo. Mas não podia lhe deixar fazer isso.

Baixando o olhar, riscou o seu símbolo em sua palma.

Teria que ter sido uma grande honra para ela ser sua companheira e ter aos seus filhos.

Se só pudesse havê-lo feito.

—Fury é inocente, —disse ela, dando um passo para frente—. Ele confessou para salvar a...

—Mim.

Angelia congelou assombrada quando Dare clareava a garganta.

—O que foi isso? —perguntou Savitar.

Dare a olhou, então observou a Fury.

—Eu sou o único que fez o disparo que mutilou ao leão. O único que matou ao outro que já está morto.

—E os outros?

—Mortos também.

Fury sacudiu a cabeça ante Dare.

—Por que estás fazendo isto?

—Porque isto é minha maldade, e me nego que um animal me ensine a ser nobre. Foda-se.

—Tínhamos um trato, —disse Fury em voz baixa.

—Estou-o alterando —Dare voltou a olhar a Angelia—. É hora de que por uma vez faça o correto pelas razões corretas.

Savitar cruzou os braços sobre o peito.

—Temos outra confissão de Dare Kattalakis. A de uma... a de dois... Há mais confissões na sala? Alguém mais quer admitir ter disparado a um leão? —ele se deteve—. Não acredito.

Os leões se adiantaram.

—Então ele é nosso.

Savitar negou com a cabeça.

—Realmente, ele é meu. Sinto muito. Vós já tivestes as cabeças de dois Arcadianos. Vos alegréis de que não exija justiça de suas famílias. Vamos dar por feito que eram culpados, sem um julgamento...

Os leões pareciam menos que encantados, mas ninguém se atreveu a discutir com ele.

—Quanto a esse pequeno brinquedo que usaram, não vos preocupeis. Já me assegurei que o inventor não invente nada mais. Tenho a minha gente rastreando o punhado que vendeu e deveríamos os ter logo destruídos. Enquanto isso...

Dare desapareceu, e os grilhões de Fury se derreteram.

—O Omegrión levanta a sessão.

Os membros do Concílio desapareceram.

À exceção dos lobos e Nicolette. Fury caminhou para onde estavam sentados. Ele estendeu a mão a Sasha.

—Obrigado.

—Não há problema. E ainda não somos amigos.

Os olhos de Fury brilharam com humor.

—Sim, idiota, odeio suas vísceras. —Ele olhou a Nicolette—. Foi decente de sua parte, também, de falar.

—Ainda estás excluído de minha casa... a menos que estejas ferido. —ela se teletransportou para fora.

Fury sacudiu a cabeça, então a olhou a ela. Seu humor morreu.

—las entregar a ti mesma para me salvar.

—Disse-lhe isso, Fury. Sempre te guardarei as costas.

Ele tomou sua mão na dele e então beijou o dorso de cada uma.

—A minhas costas não é onde te quero.

Ela arqueou uma sobrancelha.

—Não? Onde me preferes então? —ela esperava que ele dissesse baixo ele... isso era o que um macho Arcadiano diria.

Mas ele não o fez.

—Te quero ao meu lado. Sempre.

—Ugh, —choramingou Fang—. Lobos, consigam um quarto.

Angelia sorriu.

—Isso soa como uma grande idéia.

A coisa seguinte que ela sabia, é que estavam em casa.

Savitar não se moveu quando viu o último dos lobos deixar a sala. No momento em que esteve vazia, sentiu um poder surgir perto dele.

Era Zarek.

—Sasha foi para casa, Z.

—Sim, eu sei. Estava comprovando contigo a respeito de nossa anterior discussão.

—Meus demônios têm a maioria das armas.

—Mas...

—Ainda há umas poucas aí fora.

Zarek amaldiçoou.

—Se Sasha cair em um desses, Astrid enlouquecerá.

—Me acredite, Z, eu sei —Savitar olhou mais à frente para o claro horizonte, mas em seu interior, sabia o mesmo que Zarek. Havia uma tormenta aproximando-se. Feroz e violenta.

Tinham detido esta escaramuça. Mas não era nada comparado ao que estava por chegar.

Fury estava deitado na cama, nu, com Angelia sobre ele. Sua palmas estavam ainda pressionadas juntas por seu ritual de emparelhamento.

—Ainda não posso acreditar que ias morrer para que eu pudesse retornar para casa.

—Eu não posso acreditar que ias chamar-me de mentiroso e ocupar meu lugar sob a guilhotina. Da próxima vez que tente te salvar, mulher, melhor que permaneças a salvo.

Ela riu, então lhe mordiscou o queixo.

—Prometo me comportar, mas só com uma condição.

—E essa é?

—Que vincules tua força vital à minha.

Ele bufou ante ela.

—Por que é isso tão importante para ti?

Ela tragou o nó em sua garganta.

—Não sabes?

Não.

—Porque te amo, Lobo, e não quero passar outro dia nesta vida sem ti. Onde tu estejas, eu estarei, e quando tu morras, morrerei também.

Fury a olhou incrédulo. Em toda sua vida, só tinha querido uma coisa.

E Lia a acaba de dar. Uma mulher que pudesse lhe amar e depender dele.

—Por ti, minha Lady Lobo, faria qualquer coisa.

Angelia sorriu quando o sentiu ficar novamente duro. Beijando sua mão, sabia que desta vez não iam só ter sexo. Desta vez se uniriam para toda a eternidade.

**Fim**